

40 ANOS DEPOIS:



EDITORIAL

*A encíclica **Pacem in Terris**, a segunda grande encíclica de João XXIII, após a Mater et Magistra, foi publicada no dia 11 de abril de 1963. Ela foi escrita no contexto internacional dominado pela ameaça nuclear. Ou seja, a encíclica Pacem in Terris é publicada após um longo período de guerra fria durante a qual as duas grandes potências, EUA e URSS, acumulam um arsenal nuclear suficiente para destruir as grandes cidades do Planeta. Em 1961, dera-se a construção do muro de Berlim e, em 1962, o mundo esteve à beira da guerra nuclear com a instalação dos mísseis soviéticos, em Cuba. A problemática da guerra mudara radicalmente: qualquer conflito*

tornava-se extremamente perigoso devido ao uso das armas nucleares. A guerra não era mais um meio aceito pela opinião pública, capaz de fazer prevalecer a justiça. A encíclica é, pela primeira vez, dirigida, não só aos membros da Igreja, mas também a todos os homens de boa vontade, como João XXIII enuncia na abertura da *Pacem in Terris*, *sedentis de paz*. Esta é uma das grandes novidades da encíclica. Seu tema é, segundo João XXIII, “a paz entre todas as nações, fundada sobre a verdade, a justiça, a caridade, a liberdade”.

Uma outra novidade da encíclica é que, quando ela fala da guerra, nunca parte da casuística para saber se a guerra pode ser justificada segundo as circunstâncias. Ela parte, pelo contrário, da paz, “objeto do desejo profundo da humanidade de todos os tempos”.

Outra característica a ressaltar é a importante distinção que faz entre as ideologias e os movimentos históricos fundados por estas ideologias. A distinção entre o erro e os que o cometem. O que erra é sempre um ser humano plenamente digno como pessoa que sempre pode se libertar do erro e se abrir à verdade. No contexto histórico da encíclica, esta distinção teve uma repercussão muito importante por sua novidade revolucionária.

A *Pacem in Terris*, igualmente, é extremamente pertinente quando já então intui a necessidade e a urgência de um governo mundial, de “uma autoridade pública de competência universal”. João XXIII chega a essa compreensão, a partir da percepção de que o ‘bem público é universal’, e este coloca ‘problemas de dimensões universais’.

Quarenta anos depois, a *Pacem in Terris*, especialmente nestes tempos sombrios de guerra, é de extrema atualidade.

Nesse contexto, o **IHU On-Line**, em continuidade com suas últimas edições, que se esforçam por ecoar a demanda da paz e de uma nova ordem mundial, entrevistou, nesta edição, o Reitor da Unisinos, Prof. Dr. Pe. Aloysio Bohnen, o deputado federal, Patrus Ananias e o sociólogo Ignácio Cano.

Alguns extratos da *Pacem in Terris*:

“Todo ser humano tem direito à vida, à integridade física e aos meios necessários e suficientes para uma existência decente, especialmente no que diz respeito à

alimentação, à vestimenta, à habitação, ao repouso, aos cuidados médicos, aos serviços sociais”.

“A verdade deve presidir as relações entre as comunidades políticas. Esta verdade bane todo e qualquer traço de racismo”.

“Não podem existir, por natureza, seres humanos superiores aos outros. Por natureza todos são de igual nobreza”.

“Nos nossos dias, o bem comum universal coloca problemas de dimensões mundiais. Estes só podem ser resolvidos através de uma autoridade pública cujo poder, constituição e meios de ação também assumam dimensões mundiais e que possa exercer sua ação sobre toda a extensão da terra. É, portanto, a própria ordem moral que exige a constituição de uma autoridade pública de competência universal. Esse organismo de caráter geral, cuja autoridade valha no plano mundial e que possua os meios eficazes para promover o bem universal, deve ser constituído por um acordo unânime e não imposto pela força”.

“É justo distinguir sempre entre o erro e aqueles que o cometem, mesmo quando se trata de homens cujas idéias falsas ou a insuficiência de noções dizem respeito à religião e à moral”.

“Se, em vista das realizações temporais, os crentes entram em relação com pessoas cujas concepções errôneas impedem a crença ou a possibilidade de uma fé completa, estes contatos podem ser a oportunidade ou o estímulo de um movimento que leve estas pessoas à verdade”.

“Do mesmo modo, não se pode identificar as falsas teorias filosóficas sobre a natureza, a origem e a finalidade do mundo e da pessoa humana, com os movimentos históricos que têm um objetivo econômico, social, cultural ou político, mesmo se estes últimos lhes devem a sua origem e continuam a se inspirar nestas teorias. Uma doutrina, uma vez fixada e formulada, não muda mais, enquanto que os movimentos tendo por objeto as condições concretas e mutáveis da vida são influenciados por esta evolução. Além disso, na medida em que estes movimentos estão de acordo com os mais sadios princípios da razão e respondem às justas aspirações da pessoa humana, quem recusaria de neles reconhecer os elementos positivos e dignos de aprovação”.

“COM A PACEM IN TERRIS, O CRISTIANISMO DEU UM PASSO ADIANTE”**ENTREVISTA COM ALOYSIO BOHNEN**

IHU On-Line conversou com o Prof. Dr. Pe. Aloysio Bohnen, Reitor da Unisinos, sobre a importância da encíclica **Pacem in Terris**. Aloysio Bohnen bacharelou-se em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, e em Ciências Econômicas, pela Faculdade de Economia, na Unisinos. Licenciado eclesiástico em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, e em Teologia, pela Faculdade Pontifícia de Teologia Cristo Rei, é doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Também é presidente da Associação Brasileira de Universidades Católicas (Abesc), integra o Conselho Fiscal da Associação Brasileira de Universidades Comunitárias (Abruc) e é vice-presidente da Associação de Universidades da América Latina Filiadas à Companhia de Jesus (Ausjal). Tem sete livros publicados, entre eles **A dignidade da pessoa humana e sua fundamentação filosófica social no pensamento de Gustav Gundlach (tese de doutorado)**. Roma: Universidade Gregoriana/ Organizzazione Internazionale Quo Vadis, 1974 (reelaborada em 1983). **Doutrina social cristã**. Porto Alegre: Meridional EMMA, 1968. BOHNEN, Aloysio (coord.). ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **O solidarismo**. São Leopoldo: EdUnisinos, 1993, 216 p.

IHU On-Line- O que o Sr. destacaria como novidades trazidas pela *Pacem in Terris*?

Aloysio Bohnen- A *Pacem in Terris* apareceu numa época de guerra fria. Lançou luzes para o entendimento dos povos e, de certa forma, abriu novos rumos para o enquadramento das relações internacionais e se alicerçou num princípio formulado pelo profeta Isaias 32,17, que afirma ser a paz obra da justiça, portanto o ordenamento jurídico dos Estados e dos próprios organismos internacionais, como por exemplo a ONU, devem estar alicerçados na constante construção da justiça. A paz deve ser construída, ininterruptamente, pelos indivíduos, pelas comunidades e pela sociedade organizada. O cristianismo deu um passo adiante com esta encíclica ao conceber a paz como fruto não só da justiça, mas também da convivência fundada sobre a verdade, o amor e a liberdade. Isso está personificado em Cristo, na sua vida e na sua mensagem, por isso Ele é chamado de Príncipe da paz. A encíclica, então, apareceu num momento em que o mundo estava em profundas ameaças, abrindo-se à globalização. Ora, no trânsito para uma nova situação, os homens são chamados a se orientarem pela busca da paz, isto é, criando condições para que a justiça seja exercida e consolidada.

IHU On-Line- De que maneira é concebida a guerra a partir da encíclica?

Aloysio Bohnen- Paulo VI, sucessor de João XXIII, disse à ONU algo que resume a concepção de guerra da *Pacem in Terris*: “Jamais, jamais a guerra”, porque, na guerra, se fere a justiça e é na justiça que se constrói a paz. Só se meu vizinho está matando alguém, não posso ficar parado. Podemos fazer uso da força para prevalecer o valor mais universal: a vida. Por isso as instituições devem estar aparelhadas no sentido de preservar os valores fundamentais do homem e da sociedade. É muito difícil, diante de um tirano como Hitler, Mussolini, Stalin, cruzar os braços diante das injustiças que cometem. Nesses casos, pode-se justificar um reicídio, no caso, matar o rei, se não há outra forma.

IHU On-Line- A encíclica fala da construção de uma autoridade política mundial, qual a atualidade dessa idéia?

Aloysio Bohnen- Os líderes mundiais não conseguiram encontrar as soluções pela instituição ONU, que foi fragilizada, unilateralmente, por aquele que tem o maior poderio de guerra, o que representa um retrocesso da caminhada da humanidade. Será um trabalho difícil, mas é absolutamente necessário reencontrar a confiabilidade da ONU.

IHU On-Line- Como a universidade pode ser construtora da paz?

Aloysio Bohnen- A universidade recria no seu bojo a humanidade e dela saem os futuros líderes que terão a tarefa de continuar a construir a paz. Isso deve-nos fazer refletir e pôr em prática um solidarismo humano e cristão.

“ESTAMOS LONGE DOS IDEAIS DE JOÃO XXIII”

ENTREVISTA COM PATRUS ANANIAS

Patrus Ananias de Souza, 52, é deputado federal pelo PT (MG). É advogado, especialista em Poder Legislativo, mestre em Direito Processual, doutorando em Filosofia, Tecnologia e Sociedad, pela Universidad Complutense de Madrid, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É professor da Faculdade de Direito da PUC-MG desde 1979. Foi advogado sindical e trabalhista dos metalúrgicos, jornalistas, professores, radialistas, engenheiros e assistentes sociais; assessorou associações comunitárias, pastorais e movimentos sociais. Tem vários trabalhos publicados e milita, desde a adolescência, em movimentos e trabalhos da Igreja Católica numa linha ecumênica e de respeito a outras igrejas e tradições religiosas. Integrou a Comissão de Elaboração do Programa do Governo Lula, trabalhando como relator das propostas de políticas sociais. Foi prefeito de Belo Horizonte de 1993 a 1996. Patrus Ananias esteve aqui na Unisinos participando do Simpósio Internacional O Ensino Social da Igreja e a Globalização realizado em 2001.

*É co-autor dos seguintes livros: **Belo Horizonte: Poder Político e Movimentos Sociais**. Editora Com Arte, Belo Horizonte: 1996. **Desafios do Governo Local - O modo petista de governar**. Editora Fundação Perseu Abramo, Belo Horizonte: 1997. O deputado, conhecedor do Ensino Social da Igreja, conversou, de Brasília, por telefone, com o **IHU On-Line**.*

IHU On-Line- Que aspectos destacaria como novidade na encíclica *Pacem in Terris*?

Patrus Ananias- É um testemunho de vida do Papa João XXIII, um documento vivo. A grande inovação da encíclica é que é dirigida a todos os homens de boa vontade. Ela tem uma dimensão ecumênica e um forte diálogo com os não-crentes, muito importantes. Eu destacaria outros aspectos: a distinção belíssima entre o erro e a pessoa que erra e o reconhecimento que faz de que há doutrinas erradas, mas afirmando que nelas pode haver também sementes do bem. Trata-se de um texto pedagógico que resgata os principais pontos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Aborda os deveres e direitos de toda pessoa. Tem uma ênfase na questão do bem comum, colocando a serviço desse bem comum a propriedade privada. O Papa tem uma visão generosa dos sinais dos tempos, dos trabalhadores, das mulheres, do fim do colonialismo. Um documento muito engajado, tocado pela dimensão da transcendência e, ao mesmo tempo, encarnado. Visa ao desenvolvimento integral da pessoa e da comunidade. O Papa diz expressamente que o poder que não esteja a serviço do bem comum perde sua autoridade. O documento entra no cerne das questões que fazem a democracia. Ele diz que os poderes executivo, legislativo, judiciário, etc. devem estar obrigados por uma norma jurídica maior. Eu acho a *Pacem In Terris* uma das cartas mais bonitas do cristianismo, desde as de São Paulo.

IHU On-Line- De que maneira, hoje, estão sendo reivindicados os princípios da encíclica?

Patrus Ananias- João Paulo II é um herdeiro da tradição cristã que chamava Jesus de “Príncipe da paz” e é rigorosamente fiel ao espírito da *Pacem in Terris* e vai ainda mais longe: ele defende que a única situação que pode ser admitida é a resistência à guerra, como é o caso do Iraque, neste momento. Foi invadido e está exercendo sua legítima defesa. A paz deve ser construída no respeito aos direitos humanos e à liberdade. Esta guerra trágica à qual se chegou, mostra que a paz deve ser construída.

IHU On-Line- De que forma as idéias da encíclica avaliariam a impotência para impedir a guerra dos organismos internacionais, como a ONU?

Patrus Ananias- Ela nos convida a repensar um pouco as instituições que estão além dos Estados. Eu repito a frase dita por um amigo meu, o primeiro míssil disparado pelos aliados atingiu o coração da ONU. Os Estados Unidos e a Inglaterra atropelaram e desautorizaram a ONU. Uma autoridade política mundial baseada na igualdade está muito distante. Eu participo desse ideal. Deve ser uma autoridade legítima, eticamente bem construída com regras universalmente bem aceitas. Por que os Estados Unidos podem ter armas atômicas? Ou nos desarmamos todos ou não estamos caminhando na direção da paz na terra.

IHU On-Line- E o que ela poderia dizer ao Brasil?

Patrus Ananias- O Brasil pode colaborar na reconstrução da ONU, pode ajudar a fortalecer vínculos entre as nações. O Brasil tem condições de conversar com todos, porque fica na América Latina, mas, ao mesmo tempo, é formado por descendentes africanos e europeus, tem uma forte sintonia com a Ásia e temos, em nosso território, imigrantes de todas as partes do mundo. Não temos uma tradição expansionista, queremos aprofundar as relações diplomáticas, comerciais, culturais e espirituais com todo o mundo. O Governo está caminhando nesse rumo. O presidente Lula enviou ontem uma carta ao Papa João Paulo II, pedindo-lhe que assuma a liderança da paz internacional. Ao mesmo tempo, acredito que o Brasil deve cuidar de sua segurança interna e preservar sua soberania e seu futuro. Os EUA estão fazendo uso do poder sem compaixão. Nós devemos repensar o papel das forças armadas. A luta contra o crime organizado, o contrabando de órgãos de seres humanos, a biodiversidade... Devemos proteger nossas fronteiras sempre com o espírito da paz e da democracia.

IHU On-Line- Acha, então, que o País deveria investir mais em defesa nacional?

Patrus Ananias- Devemos fortalecer e patrulhar o espaço aéreo, ter o máximo controle das fronteiras marítimas e terrestres, especialmente na Amazônia. Hoje a guerra é pelo petróleo, mas amanhã pode ser pelos recursos naturais, oxigênio, água... Eu, como deputado, como responsável pelo futuro do Brasil, estou preocupado com esse aspecto. Lamentavelmente, estamos ainda longe dos ideais de desarmamento de João XXIII.

A GUERRA ESTIMULA O TERRORISMO E A CORRIDA ARMAMENTISTA

ENTREVISTA COM IGNÁCIO CANO

IHU On-Line conversou com o sociólogo *Ignácio Cano*, que no mês de fevereiro esteve no Iraque como escudo humano, participando de uma iniciativa, surgida na Inglaterra e na Itália, reunindo pessoas de diversos países, que foram àquele País ameaçado, algumas por tempo determinado, e outras por tempo indeterminado. Na entrevista, ele conta sua experiência. *Ignácio Cano* é professor da UERJ, doutor em Sociologia, com especialidade em Psicologia Social, pela Universidade Complutense de Madri (Espanha). Fez pós-doutorado na Universidade de Michigan (EUA) e na Universidade do Arizona (EUA). É professor visitante de Metodologia de Pesquisa no departamento de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF). Consultor de vários projetos de pesquisa sobre direitos humanos em El Salvador, Haiti e Guatemala, desenvolve trabalhos sobre violência policial e distribuição espacial da violência. Atualmente, os escudos humanos se posicionam em alvos civis, como centrais elétricas e de água para preservá-las de ataque, que, pela Convenção de Genebra, não poderiam ser atacadas, mas o foram em 1991.

IHU On-Line- Qual foi sua impressão do Iraque?

Ignácio Cano- É um País muito interessante. Mais desenvolvido do que se pensa, com uma classe média numerosa, mais industrializado do que é mostrado aqui, um pouco asfixiado até agora pelas guerras e, em fevereiro, ainda com uma esperança que acaba de morrer. As pessoas, no Iraque, têm bom acesso a informações do resto do mundo através da TV de lá.

IHU On-Line- Qual é o apoio real a Saddam Hussein?

Ignácio Cano- É difícil saber. Apesar de ver numerosas manifestações de apoio a Saddam, o apoio a um ditador só se conhece no momento em que ele cai. Entre Saddam e Bush, eles preferem Saddam.

IHU On-Line- O que pode acontecer ainda nos próximos meses?

Ignácio Cano- Os EUA estão cegos pela arrogância. Eles subestimaram a vontade de resistência do povo do Iraque. Eles têm toda uma história de resistência. Os soldados dos Estados Unidos pensavam que seriam recebidos festivamente, não foi assim e ficaram confusos. Eles não conhecem o povo nem os locais do Iraque. Há dois cenários possíveis, ou matam Saddam, e a guerra acaba, como foi planejado, ou há uma prolongação indefinida da guerra, através de franco-atiradores, grupos irregulares, etc., que conseguem frear o avanço americano. Se a guerra passar do verão, terá um custo muito alto para o Iraque, porque afetará o serviço elétrico e a água, o que produzirá grande mortalidade, especialmente infantil e da terceira idade. O verão iraquiano atinge temperaturas de 60 graus e, sem eletricidade e água, é muito difícil resistir.

IHU On-Line- Que outras consequências esta guerra está acarretando?

Ignácio Cano- Acho que estão estimulando o terrorismo, o que seria uma nova desculpa para os EUA estender o império fora e dentro do País. No próprio país, foi permitida a utilização de grampos, há pessoas que estão presas há muito tempo. Quem não tem armas, não poderá se defender, o que gerará uma corrida armamentista geral. Como não há limites legais nem morais, está se estimulando o uso da força.

IHU On-Line- Em que podem influenciar as manifestações em nível mundial e nos próprios países aliados contra a guerra?

Ignácio Cano- Acho que vão derrubar o governo da Espanha e da Itália. Pode ser que também o governo da Austrália. O da Inglaterra é mais difícil, porque o partido opositor a Blair apóia a guerra. A derrota dos aliados, em seus países, poderia enfraquecer o governo Bush e, nesse caso, Washington não poderá retalhar. A gestão Bush tem uma doutrina extremamente unilateral: que o mundo goste ou não goste, não importa, desde que tenha apoio doméstico. Os norte-americanos acreditam que, em tempo de guerra, devem apoiar o Presidente. Por outro lado, o depoimento de pais de soldados que morreram foi algo muito forte que está modificando um pouco a opinião pública. Isso, junto ao custo alto da guerra, pode fazer com que Bush perca as eleições e se volte para algo um pouco mais moderado. Mas é difícil saber.

IHU On-Line- A ONU está desacreditada?

Ignácio Cano- A intenção dos aliados foi converter a ONU numa agência internacional humanitária. Teria morrido se tivesse aceitado a pressão norte-americana. Dessa forma, preservou seu papel, mesmo que não tenha impedido a guerra. Vai ajudar a que também os outros órgãos adquiram mais força. A doutrina dos EUA é ignorar as Nações Unidas, eles sempre procuraram desmoralizá-las, mas, no caso da Espanha e da Inglaterra, não tinham essa estratégia e terão um custo político muito grande.

IHU On-Line- Está se aprofundando um abismo entre Oriente e Ocidente?

Ignácio Cano- Os Estados Unidos querem levar a democracia ao Oriente Médio, mas lá não há democracia. Os árabes estão revoltados contra seus governos, porque querem que se manifestem a favor de Saddam Hussein. Washington cancelou a democracia na Argélia, quando viu que iam ganhar os islamitas. Podemos estar diante da possibilidade de um fim de paradigma. Pode terminar a grande farsa do Ocidente, que, aparentando defender a paz e a democracia, só defende seus direitos econômicos ou a farsa continua, o Oriente vai odiar o Ocidente e isso promoverá o terrorismo.

A GUERRA PELOS DIREITOS HUMANOS? NÃO É UM DIREITO

POR GIANNI VATTIMO

*Traduzimos e reproduzimos, na íntegra, com o título acima, o artigo de Gianni Vattimo, filósofo italiano e deputado europeu, publicado no jornal italiano **La Stampa**, em 26 de março de 2003.*

*Gianni Vattimo, atualmente, é professor de Filosofia na Universidade de Turim e é autor de inúmeros livros, entre os quais destacamos **La fine della modernità** (1990) (**Fim da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 232 p.), **Il pensiero debole** (Pensamento fraco), **Credere di Credere** (1999) (**Acreditar em Acreditar**. Lisboa: Relógio D'água. 102 p.), e, recentemente, publicou o livro **Dopo la cristianità. Per un cristianesimo non religioso**, Roma: Garzanti, 2002. (Depois da cristandade. Por um cristianismo não religioso).*

“Não podemos falar de laicização na Cristandade e no Islã sem que nos refiramos aos dramáticos eventos que estão se desenrolando no Iraque e em todo o Oriente Médio. Proponho que partamos de duas constatações para daí desenranhar algumas conseqüências. Antes de tudo, chamo a atenção sobre as notícias, cada vez mais freqüentes, à medida que a guerra se aproximava, sobre a religiosidade de George W. Bush e dos seus colaboradores; em segundo lugar, buscarei mostrar que, já que estas notícias são verdadeiras e não podem ser consideradas como invenções da propaganda ou meras anedotas sobre a vida ‘privada’ do presidente americano, elas mudam profundamente os conteúdos da nossa reflexão sobre a laicização e os seus significados. O que se diz da religiosidade de Bush e do seu círculo de colaboradores na Casa Branca é que ele começa as reuniões do seu ministério com orações e meditações. Isso deve ser levado a sério, como séria é a tradição puritana dos pais peregrinos que fundaram as primeiras colônias americanas, que continua a se fazer sentir em muitíssimos aspectos da vida dos EUA. Sempre foi considerado óbvio, e até tranquilizador, que as autoridades públicas dos EUA, começando pelos presidentes, invoquem, freqüente e explicitamente, o nome de Deus no exercício das suas funções. Esta contínua referência a Deus, que nos foi ensinada, não coloca em perigo o caráter secular do estado, pelo contrário, é a garantia desta secularidade, com a liberdade de culto e de consciência que leva consigo da qual os EUA são a sede mais eminente. Esta garantia de secularidade tem um firme fundamento na consciência comum e é tanto mais firme quanto mais se fundam as suas raízes na fé religiosa. Não importa se depois esta religiosidade profunda se expressa na luta contra o ensino do darwinismo nas escolas. Enfim, fomos tão habituados a aceitar também a insuficiente laicidade de tantos aspectos dos EUA em nome do fato que este país, fundando-se nas tradições puritanas, se construiu como um verdadeiro e peculiar modelo de estado democrático e liberal e, portanto, verdadeiramente laico, secular.

Bem mais profundamente que sobre a experiência pessoal do presidente Bush, que se professa um ‘*new born christian*’, um cristão renascido (e que assim conseguiu escapar do vício do alcoolismo), a religião, o sentir, de qualquer maneira, chamado por Deus a agir em seu nome, é uma constante da cultura pública norte-americana, independentemente do peso das convicções laicas de muitos dos seus cidadãos. “*God bless America*” cantam com convicção todos, crentes

ou ateus. Ora, a segurança com que Bush justifica, apesar das condenações explícitas do Papa e das várias confissões protestantes, a guerra no Iraque como um empreendimento para restabelecer a liberdade, a justiça, a democracia, longe de ser um caso específico desta administração, é somente a expressão do nexo profundo que há, nos EUA, entre a tradição religiosa e o espírito democrático. Mas esta ligação continua a nos assegurar isso, quando testemunhamos algo como a atual guerra no Iraque cuja razoabilidade não conseguimos perceber? Para sermos mais explícitos: dizer que se combate no Iraque para lá levar a democracia, ainda que a custo do uso de armas e de provocar vítimas civis, é algo que pode ser conciliado com o espírito liberal e democrático e, nesse sentido, com o espírito secular, laico?

Chego assim ao segundo ponto da minha reflexão. Com todo o respeito que se deve ter seja com religiosidade pessoal dos dirigentes americanos, seja com a tradição puritana que marca a cultura de todo o país norte-americano, creio que aqui estamos frente a uma verdadeira e precisa negação da laicidade. Já que nas nossas discussões um dos temas essenciais sempre foi o de entender até que ponto o desencontro entre a cultura islâmica e a cultura ocidental fora determinado por um modo diferente de entender e viver a laicidade das instituições sociais, é importante que nos detenhamos neste ponto. De maneira um pouco simples demais, o ponto de vista ocidental até agora tem sido, também entre nós, orientado a pensar que o Ocidente desenvolveu instituições democráticas e liberais e, ao mesmo tempo, uma sociedade economicamente dinâmica e viva, na medida em que avançou no caminho da laicização. Tenho muitas dúvidas de que um tal ponto de vista fosse correto já no passado. Hoje, em vista do que aprendemos com a guerra no Iraque e tendo em vista as motivações explícitas de Bush, isso se revela totalmente insustentável. Não é seguramente secular um estado que motiva as suas iniciativas históricas e, sobretudo uma guerra, apelando para valores éticos que podem não ser aceitos por outros. Chamava-se 'estado ético' o estado fascista; hoje, com a popularidade da noção 'ingerência humanitária', o termo corre o risco de se tornar um complemento.

Pode um estado democrático e liberal mover uma guerra a um outro estado, sem ser diretamente agredido, em nome do fato de que este último violou e viola o direito humano fundamental à democracia e às liberdades civis? Por que não deveríamos aprovar, então, que uma eventual iniciativa do Vaticano, admitindo que tivesse as possibilidades, de agredir militarmente um estado que reconhecesse por lei o aborto, a pornografia, o divórcio, os experimentos com embriões, a união civil dos gays? É verdade que os 'direitos humanos' que Bush quer restaurar no Iraque foram solenemente sancionados por documentos internacionais. Mas não há regras explícitas para fazê-las valer e para punir as violações. E o mesmo enunciado solene é tão amplo e vago que deixa o caminho aberto para toda forma de arbítrio – possível somente a quem, mais que do direito, dispõe da força. Não queremos, neste momento, discutir os aspectos políticos da atual guerra. Mas o que sabemos e lemos basta para que se reconheça que, dada a posição hegemônica dos EUA e a sua função, de lugar emblemático da liberdade e da democracia, estamos assistindo a uma transformação substancial do conceito de laicidade, de secularidade: uma transformação que um ensaísta alemão, Michael Mayer, definiu como uma verdadeira e real 'talibanização dos EUA' (cf. Frankfurter Rundschau, 21 de março de 2003). Os direitos humanos aos quais Bush se refere podem ser tão rigidamente definidos, segundo uma consciência liberal, que justifique uma guerra, com todos os riscos que a atual comporta para toda a ordem mundial? Também o Papa diz que não há paz sem justiça. Quem pede a paz no Iraque parece ignorar este nexo elementar. Mas, ao contrário de uma certa rigidez 'nórdica', protestante, que pode ser reconhecida na posição de Bush, a visão da paz justa, na qual se inspira, mais finamente, a Igreja, é a de Santo Agostinho: paz como 'tranquillitas ordinis' (De civ. Dei, 19,13): não como realização perfeita de princípios de justiça

racionalmente garantidos. Pode-se observar que uma tal concepção justificou, no passado, tantas culpas da Igreja: o acordo com o fascismo, a aceitação do nazismo, etc. Aplicações infelizes de uma regra fundamentalmente 'justa' - somente no sentido de que a justiça é também sempre 'ajustamento' de situações de tal modo que sejam aceitas pela maioria daqueles que estão existencialmente implicados. Uma justiça mais rígida é sempre uma justiça 'talibã' - tem as mesmas características ameaçadoras e sanguinárias da 'verdadeira' justiça revolucionária. Talvez não é por acaso que num mundo unipolar como este no qual vivemos, dominado pela única superpotência 'boa' (o império do bem contra o do mal), o 'estado ético' se represente como base quase natural de uma paz que não pode ser a tranqüilidade de uma ordem - já que ordem significa harmonização de interesses, forças, projetos diferentes, que aqui não se dão mais. O que resta, então, se as coisas estão assim, da conquista 'moderna' da laicidade, da secularidade?"

'NÃO É POSSÍVEL UM IMPÉRIO NORTE-AMERICANO'

ENTREVISTA COM THIERRY DE MONTBRIAL

*Traduzimos a entrevista do francês Thierry de Montbrial, concedida ao jornal argentino **Página 12**, em 25 de março de 2003. Montbrial é diretor do Instituto Francês de Relações Internacionais - IFRI.*

Página 12: O Sr. concorda com a reflexão européia, de modo geral francesa, que garante que estamos assistindo à queda do império norte-americano? Ou antes, não se trata do contrário, isto é, de uma reafirmação desse império?

Thierry de Montbrial: Pessoalmente, acho que não pode existir um império norte-americano. Em primeiro lugar, os próprios norte-americanos não o querem. O grande paradoxo dos Estados Unidos está em que intervêm em certos casos, às vezes com muita brutalidade, em situações que concordam com sua visão do mundo. Mas, falta aos Estados Unidos essa vontade constante, esse projeto contínuo e necessário para realizar o que fizeram os impérios. Nós, na França, durante a época colonial, no século XIX, tínhamos, bem ou mal, uma visão do mundo. Pensávamos que estávamos realizando um grande projeto, que estávamos construindo para a eternidade. Não vejo nada parecido nos Estados Unidos, a não ser que a América do Norte mude radicalmente de atitude. Essa é justamente a pergunta que todo mundo se faz a propósito da crise iraquiana. Se a guerra terminar rapidamente, haverá que instalar um governo provisório, um governo militar. Também será preciso deixar, no país, uma força de, pelo menos, 100 mil homens. Mas os norte-americanos se cansarão rapidamente, e isso também trará problemas dentro dos Estados Unidos. Se os curdos se rebelarem, se estourarem conflitos entre as tribos e se quatro ou cinco norte-americanos morrerem a cada dia, então os problemas surgirão não apenas no Iraque mas também dentro dos Estados Unidos. A América do Norte carece de vontade para impor um projeto imperial. A crise iraquiana é um exemplo. Talvez existam embriões que se assemelhem a uma intenção imperial, mas não é uma situação sustentável a longo prazo.

Página 12: Qual é a influência ou o impacto que esta guerra pode ter nos países vizinhos do Iraque, principalmente numa nação tão chave para o abastecimento de petróleo como é a Arábia Saudita?

Montbrial: Fica claro que uma guerra como esta é um gigantesco pontapé contra um formigueiro. Se levarmos em conta a história do Iraque e os laços entre o Iraque e a Arábia Saudita, a Guerra do Golfo não pode deixar de ter conseqüências. Hoje entramos numa zona de incertezas. Não obstante, o que mais me assombra nos debates dos últimos meses é que todo o mundo parece descobrir um montão de coisas que já se conheciam. Por exemplo, que uma série de fundações sauditas financiava todos os movimentos islâmicos do Planeta. Isso

não se descobriu depois do 11-S. E também que o wahabismo (ramo particularmente duro do Islã, dominante na Arábia Saudita) existe e que é muito forte. Tampouco é novo o equilíbrio delicado que existe dentro do reino saudita. No final dos anos 1970, já se falava da desestabilização do reino. Não creio, então, que, atualmente, haja uma mudança radical na Arábia Saudita. Por outro lado, o reino da Arábia Saudita é um dos países do Planeta mais inacessíveis para o comum dos mortais. Creio que a situação interna do reino, a relação entre os poderes, não se conhece muito bem fora dele. É muito difícil vaticinar uma evolução, ainda mais quando todas as previsões que se fizeram nos últimos anos foram desmentidas. Da Síria se pode dizer o mesmo. Recorde todas as especulações que se fizeram com o desaparecimento de Hafez el-Assad. Os especialistas que anteciparam uma guerra civil se equivocaram. Por isso considero que devemos ser muito prudentes, quando se fala de desestabilização desses países. Quero ressaltar, também, que Saddam Hussein sempre ofereceu muitos problemas ao mundo árabe. Não conheço ninguém que tenha simpatias pelo presidente iraquiano, muito menos entre os árabes, que o responsabilizam pela degradação de suas posições globais. A dificuldade radica igualmente em que as fronteiras desta região não são viáveis, são fronteiras coloniais, são fronteiras que não correspondem a critérios atuais do direito dos povos de decidirem por si mesmos.

Página 12: O projeto “democrático” que a administração Bush quer exportar para o Oriente Médio é acaso uma realidade ou um mero espelhismo para justificar a intervenção armada?

Montbrial: Podemos admitir que exista uma ideologia democrática, mas também perguntar-nos se existem planos democráticos precisos para transformar os regimes da região. A verdade é que não acredito, porque a tarefa é impossível. Na Arábia Saudita, por exemplo, não posso imaginar que os Estados Unidos consigam mudar o regime. É preciso observar igualmente que, do Egito até o Marrocos, os movimentos islâmicos marcam pontos. Eu comparo os islâmicos com os bolcheviques. São grupos muito bem organizados e motivados. Tudo o que está acontecendo hoje fortalece esses movimentos e fermenta uma desestabilização muito mais grave do que se pensa. A ideologia da exportação forçada de sistemas políticos ocidentais não pode funcionar. Tomemos o exemplo do Irã, que é um país imenso e um dos três Estados-nação do mundo árabe junto com o Egito e a Turquia. A idéia de tratar o Irã como o Iraque ou outras nações da região me parece absurda. Por mais fortes que sejam os Estados Unidos, não podem ocupar-se de tudo ao mesmo tempo. Os Estados mais importantes estão obrigados a concentrar-se em torno de um número reduzido de campos. Portanto... Se tivesse que fazer um prognóstico, diria que, logo depois da vitória do Iraque, os Estados Unidos buscarão acalmar o jogo na região. Os problemas serão tratados de maneira pragmática. Além disso, Washington tem outro assunto pela frente, que é a Coreia do Norte. Terão que se ocupar deles. A probabilidade de que se produza um efeito concatenado nos países da região é muito baixa.

Página 12: Muitos analistas colocam o petróleo como uma das principais causas do atual conflito no Iraque. O sr., pelo contrário, o situa numa perspectiva histórica muito mais ampla.

Montbrial: O verdadeiro ponto de partida é a queda da União Soviética. O verdadeiro elemento que se encontra na base de tudo o que ocorre e do que irá ocorrer, inclusive nas próximas décadas, é o desaparecimento do império vermelho. O século XX viu a queda sucessiva de todos os impérios. Começou com o império alemão, com o austro-húngaro, com o império otomano e, imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial, vimos a queda dos impérios europeus e, finalmente, assistimos à queda do império soviético. Aqui se produziram dois acontecimentos e não apenas um: o fim do império soviético e do império russo, que se afundou como as torres de Nova York. Os demais impérios não caíram de maneira tão precipitada: o império otomano se desintegrou pouco a pouco e o ocaso dos impérios coloniais europeus se estendeu por 30 anos, 1945-1975. Pelo contrário, a derrubada do império soviético

se produziu repentinamente, num só golpe. A combinação dos escombros da desintegração do império soviético e da globalização criou o problema dos chamados estados párias, que, por sua vez, gera turbulências desorganizadoras. A primeira Guerra do Golfo era um conflito impensável na época em que a União Soviética existia. Saddam Hussein não teria invadido o Kuwait se a defunta URSS existisse de maneira sólida. Nos anos 1990, o império exterior soviético já se havia derrubado. A decomposição da ex-Yugoslávia é igualmente uma consequência da queda da URSS. O episódio atual deve localizar-se também nessa perspectiva. Muitas pessoas consideraram que o 11-S era um acontecimento fundador. Todavia, eu o considero como uma consequência de todo este ciclo. Mas também há um elemento ideológico no interior da administração Bush que não se pode deixar de lado: a tentativa de apresentar a guerra como um conflito do bem contra o mal. Isso é muito perigoso. Reconheço, não obstante, que os interesses econômicos também entram em jogo. Mas não penso que essa seja a principal preocupação. Os Estados Unidos estão legitimamente preocupados com as armas de destruição massiva.

SUICÍDIO COLETIVO?

POR BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

*Reproduzimos, a seguir, o artigo do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, publicado no jornal **Folha de São Paulo**, em 28 de março de 2003. Boaventura Santos é professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Portugal). Doutor em sociologia do direito pela Universidade Yale, é hoje conhecido como um dos principais intelectuais da Língua Portuguesa na área de ciências sociais. Entre seus diversos livros, merecem destaque: **Democratizar a Democracia** (Editora Civilização Brasileira), **Produzir para Viver** (Editora Civilização Brasileira), **Reconhecer para Libertar** (Editora Record), **Um Discurso sobre as Ciências** (Editora Afrontamento), e **A Crítica da Razão Indolente**. Porto: Afrontamento, 2000. 374 páginas. **IHU On-Line** entrevistou o sociólogo sobre multiculturalismo emancipatório, na edição de número 52, do dia 24 de março de 2003, editoria Fórum Social Mundial.*

Segundo Franz Hinkelammert, o Ocidente tem recorrentemente caído na ilusão de tentar salvar a humanidade através da destruição de parte dela. Trata-se de uma destruição salvífica e sacrificial, cometida em nome da necessidade de concretizar radicalmente todas as possibilidades abertas por uma dada realidade social e política sobre a qual se supõe ter um poder total. Foi assim no colonialismo, com o genocídio dos povos indígenas e dos escravos africanos. Foi assim no período de lutas imperialistas que causaram milhões de mortos em duas guerras mundiais. Foi assim no estalinismo, com o Gulag, e no nazismo, com o Holocausto. É assim hoje, no neoliberalismo, com o sacrifício coletivo do Terceiro Mundo. Com a guerra contra o Iraque, cabe perguntar se está em curso uma nova ilusão genocida e sacrificial e qual o seu âmbito.

Cabe, sobretudo, perguntar se a nova ilusão não anunciará a radicalização e a perversão última da ilusão ocidental: destruir toda a humanidade com a ilusão de salvá-la. Se assim for, tratar-se-á de uma radicalização do mesmo tipo da que, por razões muito diferentes, há muito vem sendo denunciada pelo movimento ecológico. O genocídio sacrificial decorre de uma ilusão totalitária que se manifesta na crença de que não há alternativas à realidade presente e de que os problemas e as dificuldades que esta enfrenta decorrem de a sua lógica de desenvolvimento não ter sido levada às últimas consequências. Se há desemprego, fome e morte no Terceiro Mundo, isso não resulta dos malefícios ou das deficiências do mercado, é, antes, o resultado de as leis do mercado não terem sido aplicadas integralmente. Se há terrorismo, tal não é devido à violência das condições que o geram, mas ao fato de não se ter recorrido à violência total para eliminar todos os terroristas. Esta lógica política, assente na suposição do poder e do saber

totais e na recusa das alternativas, é ultraconservadora, na medida em que pretende reproduzir infinitamente o status quo. É-lhe inerente a idéia do fim da história. Durante os últimos cem anos, o Ocidente passou por três versões dessa lógica: o estalinismo, com a sua lógica da eficiência insuperável do plano; o nazismo, com a sua lógica da superioridade racial; e o neoliberalismo, com a sua lógica da eficiência insuperável do mercado.

**Com a guerra, cabe perguntar se está em curso
uma nova ilusão genocida e sacrificial e qual o seu âmbito.**

Os dois primeiros momentos envolveram a destruição da democracia. O último trivializa a democracia, desarmando-a ante atores sociais suficientemente poderosos para privatizarem a seu favor o Estado e as instituições internacionais. Tenho caracterizado esta situação como uma combinação de democracia política com fascismo social. Uma manifestação atual dessa combinação reside no fato de a fortíssima opinião pública mundial revelar-se incapaz de parar a máquina de guerra dos governantes supostamente democráticos. Em todos esses momentos, domina uma pulsão de morte, um heroísmo de catástrofe, a idéia da iminência de um suicídio coletivo que só se previne pela destruição maciça do outro. Paradoxalmente, quanto mais ampla é a definição do outro e eficaz é a sua destruição, tanto mais provável é o suicídio coletivo. Na sua versão genocida sacrificial, o neoliberalismo é uma mistura de radicalização do mercado, neoconservadorismo e fundamentalismo cristão. A sua pulsão de morte tem assumido várias formas, desde a idéia das "populações descartáveis", para referir os cidadãos do Terceiro Mundo inaptos a serem explorados como operários e consumidores, até o conceito de "danos colaterais", para designar a morte de milhares de civis em consequência da guerra. É possível lutar contra essa pulsão de morte? Historicamente, a destruição sacrificial esteve sempre associada à pilhagem econômica dos recursos naturais e da força de trabalho, ao desígnio imperial de mudar radicalmente os termos das trocas econômicas, sociais, políticas e culturais ante a quebra das taxas de eficiência postuladas pela lógica maximalista da ilusão totalitária em vigor. É como se as potências hegemônicas passassem recorrentemente, tanto em sua fase de ascensão como em sua fase de declínio, por momentos de acumulação primitiva, legitimadores das mais ignominiosas violências em nome de futuros em que, por definição, não cabe tudo o que se tem de destruir. Em sua versão atual, o momento de acumulação primitiva consiste na combinação da globalização econômica neoliberal com a globalização da guerra. Contra ela está em curso a globalização contra-hegemônica, solidária, protagonizada pelos movimentos sociais e ONGs de que o 3º Fórum Social Mundial foi uma manifestação eloqüente. O FSM tem sido uma portentosa afirmação da vida no seu sentido mais amplo e plural. Penso que a nova situação obriga o movimento dos movimentos a se repensar e a reconfigurar as suas prioridades. É sabido que o fórum, logo em sua segunda reunião, em 2002, identificou a articulação entre o neoliberalismo econômico e o belicismo imperial e, por isso, organizou o Fórum Mundial da Paz, cuja segunda edição teve lugar em 2003. Isso, porém, não basta. É necessária uma inflexão estratégica. Os movimentos sociais devem dar prioridade à luta pela paz como condição necessária ao êxito de todas as outras lutas. Isso significa que têm de estar na frente da luta pela paz. Todos os movimentos contra-hegemônicos são, a partir de agora, movimentos pela paz. Estamos em plena Quarta Guerra Mundial (a terceira foi a Guerra Fria) e a espiral de guerra vai certamente continuar a girar. O princípio da não-violência, que consta da Carta de Princípios do FSM, tem de deixar de ser uma exigência feita aos movimentos para passar a ser uma exigência global dos movimentos. Essa inflexão é necessária para contrapor à vertigem do suicídio coletivo a celebração da vida, um humanismo novo, cosmopolita, construído contra as abstrações iluministas, a partir da resistência concreta ao sofrimento humano imposto pelo verdadeiro "eixo do mal": neoliberalismo e guerra.

ACONTECE

Guerra EUA x Iraque

Para aprofundar a reflexão sobre o contexto atual de conflito no Oriente, a comunidade universitária é convidada a participar do evento Guerra EUA x Iraque - aspectos históricos, éticos jurídicos e econômicos. O encontro será amanhã, dia 1º de abril, no Auditório Central, no Centro de Ciências Humanas da Unisinos, das 19h30min às 22h, e é promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU) e a Associação dos Docentes da Unisinos (Adunisinos).

O prof. MS Udo Ingo Kunert abordará os aspectos históricos, enquanto os professores Dr. Castor Ruiz, Esp. Renato Selayaram e Drª. Gláucia Campregher falarão sobre os aspectos éticos, jurídicos e econômicos, respectivamente.

Após a explanação dos quatro convidados, haverá debate com o plenário.

Encontro Inaciano

Para funcionários e funcionárias da Unisinos

A área de concentração Teologia Pública do IHU está promovendo um curso destinado a todos os funcionários e funcionárias da Unisinos que desejam realizar uma experiência de Espiritualidade Inaciana. Será um momento de aprofundamento da fé, da oração, da partilha e da dinâmica de entrosamento.

O encontro acontece no dia 5 de abril, próximo sábado, das 9h às 17h, na Capela da Universidade.

Os interessados e interessadas podem obter maiores informações e efetuar as inscrições através dos ramais 4126 (com Ir. Vanderlei ou Lauro) e 1101 (com Eunice), ou pelos endereços eletrônicos lauro@poa.unisinos.br; backes@poa.unisinos.br, mario@bage.unisinos.br e eunice@poa.unisinos.br.

Abesc-Sul

Na tarde de hoje, dia 31 de março, a PUC-RS, em Porto Alegre, será a sede do encontro da equipe que coordena a Pastoral nas Instituições Católicas de Ensino Superior na Região Sul, a Abesc-Sul. Fazem parte dessa equipe, além da Unisinos, a PUC-RS, a PUC-PR e a Universidade Católica de Pelotas, UCPel. O encontro é preparatório ao Seminário Regional da Abesc-Sul, que acontecerá em Pelotas, entre os dias 23 e 24 de maio deste ano. Representando a Unisinos, irão a profª. Rosa Maria Serra Bavaresco, o Ir. Vanderlei Backes e a professora Águeda Bichels, da área de concentração Teologia Pública do IHU.

TEOLOGIA PÚBLICA

AMIGO DOS POBRES

*Todos os anos a prestigiosa Academia Americana das Artes e das Ciências dos EUA anuncia a incorporação de novos membros. A lista dos membros honorários deste ano inclui o nome do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, O.P., que é conhecido mundialmente graças ao livro **Teologia da Libertação**, publicado em Lima, no Peru, em 1971. Ele é autor de mais de uma dúzia de livros além de artigos. A entrevista que segue foi concedida na Universidade de Notre Dame onde o frei Gutiérrez é titular da cátedra de Teologia Card. John O'Hara, desde 2001. O entrevistador é o Pe. Daniel Hartnett, SJ, professor de filosofia na Universidade Loyola de Chicago. A entrevista foi publicada na revista americana **America**, em 3 de fevereiro de 2003, sob o título **Remembering the Poor**. A revista **America** é editada pelos jesuítas americanos.*

Pergunta: O senhor recebeu prêmios e dezenas de títulos “doctor honoris causa” durante o seu ministério de teólogo e padre. O que significa este reconhecimento por parte da Academia Americana das Artes e das Ciências?

Gutiérrez: Para dizer a verdade, a notícia deste reconhecimento me pegou de surpresa. Nem sabia que meu nome estava sendo considerado. Certamente é uma honra para mim ser agregado neste grupo de célebres estudiosos, cientistas e líderes públicos. Sou muito agradecido por esta incorporação na Academia e pela oportunidade que me é dada de levar o Evangelho num diálogo mais pleno e mais frutuoso com uma ampla gama de disciplinas e com a sociedade civil.

Pergunta: Falando de incorporação, o senhor é membro da Ordem dos Dominicanos há, somente, cinco anos. Fale algo sobre a sua decisão de entrar nesta Ordem.

Gutiérrez: A minha relação com a Ordem dos Pregadores começa na época dos meus estudos na França (Gutiérrez cursou Teologia naquele país), onde tive contatos pessoais com o trabalho de pesquisa teológica dos padres Congar, Chenu e Schillebeeckx, todos eles teólogos dominicanos. Atraía-me a compreensão profunda que tinham da íntima relação que deveria existir entre a teologia, a espiritualidade e a pregação atualizada do Evangelho. A Teologia da Libertação comunga desta mesma convicção. A minha pesquisa posterior sobre a vida de Bartolomeu de las Casas e a sua ardente defesa dos pobres do seu tempo (os índios e os escravos negros) teve, igualmente, um papel importante na minha decisão. A minha longa amizade com muitos dominicanos, em outras circunstâncias, me levou a dar este passo. Sou muito agradecido pela calorosa acolhida que recebi da família dominicana.

Pergunta: O senhor sempre colocou a preocupação pelos pobres acima da sua reflexão teológica. É dever de todo teólogo enfrentar a realidade do sofrimento social no mundo, ou este dever diz respeito, unicamente, àqueles que trabalham diretamente no contexto de pobreza?

Gutiérrez: Sou firmemente convicto de que a pobreza – esta condição subumana na qual vive hoje a maior parte da humanidade – é mais que um tema social. A pobreza se põe como um grande desafio para toda a consciência cristã e por isso também para a teologia. Fala-se, hoje, muitas vezes, de teologias contextuais, mas, na realidade, a teologia sempre foi contextual. Algumas teologias, para sermos realistas, foram mais conscientes e explícitas quanto à sua contextualidade; mas toda pesquisa teológica é feita, rigorosamente, dentro de um contexto histórico específico. Quando Agostinho escrevia **A Cidade de Deus**, estava refletindo sobre o que significava para ele e para os seus contemporâneos viver o Evangelho no interior de um contexto específico de grandes mutações históricas.

O nosso contexto hodierno se caracteriza por uma disparidade impressionante entre ricos e pobres. Nenhum cristão sério pode, tranquilamente, ignorar esta situação. Não é mais possível ninguém dizer: “Bah, não sabia!”, quando fala dos sofrimentos dos pobres. A pobreza tem hoje uma visibilidade que não tinha no passado. Devemos observar o rosto dos pobres. E compreenderemos também a causa da pobreza e as razões que a perpetuam. Houve um tempo em que a pobreza era considerada como um destino inevitável. Mas este ponto de vista não é mais possível nem responsável. Hoje sabemos que a pobreza não é simplesmente uma desgraça: ela é uma injustiça.

Certamente permanece sempre a pergunta prática: O que devemos fazer para eliminar a pobreza? A teologia não pretende ter todas as soluções técnicas para o problema da pobreza, mas nos recorda que não devemos nunca esquecer os pobres, e também Deus está em jogo na nossa resposta à pobreza. Uma preocupação eficaz para com os pobres não é somente um dever para aqueles que têm vocação política; todos os cristãos devem levar a sério a mensagem evangélica sobre a justiça e a igualdade. Os cristãos não podem ficar para trás ao pronunciar uma palavra profética sobre as condições econômicas injustas. A reflexão do Papa João Paulo II sobre o fenômeno da globalização é um bom exemplo. Ele pede constantemente: “Quais são as conseqüências deste fenômeno para os pobres? Ela promove a justiça?”

Pergunta: O senhor acha que a “opção preferencial pelos pobres” se tornou uma parte integrante da doutrina social da Igreja Católica? Onde vem essa expressão?

Gutiérrez: Sim, acredito que a opção pelos pobres se tornou parte integrante da doutrina social da Igreja. A expressão vem da experiência da Igreja da América Latina. A formulação precisa nasceu no período entre o encontro das Conferências Episcopais da América Latina em Medellín (1968) e o encontro de Puebla (1979). Em Medellín, as três palavras (opção, preferência, pobres) estavam presentes, mas foi somente nos anos subseqüentes a Medellín que colocamos juntos estes termos para formar uma expressão completa. É correto dizer que a frase: “opção preferencial pelos pobres” vem da igreja latino-americana, mas o conteúdo, a intuição subjacente, é inteiramente bíblica. A Teologia da Libertação busca aprofundar a nossa compreensão desta convicção bíblica central.

A opção preferencial pelos pobres, gradualmente, tornou-se um tema fundamental do ensino da Igreja. Talvez possamos explicar brevemente o significado de cada termo.

O termo pobreza se refere àqueles que são realmente pobres. Não se trata de uma opção preferencial por aqueles que são espiritualmente pobres. Acima de tudo, esta opção seria muito fácil, já que estes são relativamente poucos. Aqueles que são espiritualmente pobres são os santos. A pobreza à qual se refere a opção, é a material. Pobreza material significa morte prematura e injusta. A pessoa pobre é tratada como uma não-pessoa, como algo insignificante do ponto de vista econômico, político e cultural. Os pobres contam como estatística. São sem-nome. Mas se os pobres são insignificantes no interior da sociedade, não são, nunca, insignificantes para Deus.

Alguns acham, para mim erroneamente, que o adjetivo preferencial anulou ou adocicou a opção pelos pobres. Isso não é verdade. O amor de Deus tem duas dimensões, uma universal e uma particular; mesmo havendo tensão entre as duas, não há contradição. O amor de Deus não exclui ninguém. Mas Deus manifesta uma predileção especial por aqueles que foram excluídos do banquete da vida. A palavra ‘preferencial’ chama a atenção para a outra dimensão do amor gratuito de Deus: a universalidade.

Por alguns aspectos, opção é talvez o termo mais fraco da frase. Em inglês, esta palavra indica simplesmente uma escolha entre duas coisas. Em espanhol, no entanto, ela invoca o sentido de empenho. A opção pelos pobres não é um *optional*, ela se impõe a cada cristão. Não é qualquer coisa que um cristão pode indiferentemente pegar ou deixar. No sentido querido por

Medellín, a opção pelos pobres tem duas características: implica uma tomada de posição de solidariedade com os pobres e uma tomada de posição contra a pobreza desumana.

A opção preferencial pelos pobres é, finalmente, uma questão de amizade. Sem amizade, uma opção pelos pobres pode, facilmente, tornar-se empenho por uma abstração (uma classe social, uma raça, uma cultura, uma idéia). Aristóteles sublinha a importância da amizade para a vida moral. Encontramos este conceito claramente afirmado no Evangelho de João. Cristo diz: “Não lhes chamo de servos, mas amigos”. Como cristãos, somos chamados a reproduzir esta amizade nas nossas relações com os outros. Quando nos tornamos amigos dos pobres, a presença deles deixa um sinal indelével nas nossas vidas e é mais provável que continuemos comprometidos com eles.

Pergunta: Alguns dizem que a Teologia da Libertação deu uma importante contribuição, mas que agora está em declínio. Está de acordo? Qual é o seu prognóstico da Teologia da Libertação?

Gutiérrez: Toda intuição nova num campo particular do conhecimento é, inicialmente, objeto de muita atenção e depois vai sendo, lentamente, incorporada ou assimilada no modo normal de agir. Este princípio se aplica a muitas intuições fundamentais que se encontram na Teologia da Libertação.

Como todo outro modo de fazer teologia, a Teologia da Libertação está ligada a um momento histórico particular. Hoje podemos perguntar: As circunstâncias históricas mudaram? É verdade que muitos eventos importantes aconteceram nas últimas décadas e que o clima político é muito diferente dos anos 1960 e 1970. Contudo, a situação dos pobres não mudou substancialmente. Até quando exista um grupo de cristãos que buscam ser fiéis a estas circunstâncias, um grupo que busca seguir o Cristo entre os pobres, sempre encontraremos algo similar à Teologia da Libertação.

Ainda que nos refiramos à Teologia da Libertação no singular, estamos assistindo à emergência de uma série de novas expressões desta teologia em vários contextos e continentes: na América do Norte, na América Central e Meridional, na África e na Ásia. Cada uma destas teologias tem um ponto de vista particular, mas elas também têm algo muito em comum, particularmente, a preocupação pelos pobres e pelos excluídos. A Teologia da Libertação se desenvolve em torno desta atenção à triste situação dos pobres.

Pergunta: Que característica teria uma Teologia da Libertação nos Estados Unidos? De que necessitamos ser libertados? O consumismo, o etnocentrismo? E se o senhor tivesse que trabalhar neste país, de que modo faria teologia?

Gutiérrez: Conhecemos já há muito tempo os muitos modos pelos quais a pobreza pode destruir ou debilitar pessoas e nações, mas, talvez, tenhamos necessidade de refletir mais sobre como a riqueza ou a abundância podem enfraquecer o nosso compromisso com Cristo. Cada País ou contexto tem as suas tentações e as suas possibilidades para difundir a boa nova. Nas nações pobres, o problema da pobreza se encontra constantemente em primeiro plano; num País rico e poderoso, o desafio consiste em recordar-se dos pobres e não sucumbir no etnocentrismo. Testemunhar numa cultura pode, às vezes, implica uma crítica profética; outras vezes, significará extrair de uma determinada cultura as suas qualidades mais nobres.

A Igreja Católica tem, nos EUA, uma longa história de proximidade dos pobres em luta. Os católicos construíram uma rede de escolas primárias e secundárias, hospitais e universidades para migrantes de primeira geração. À medida, porém, que os católicos subiam a escala social, começaram a se adaptar sempre mais à cultura consumista que prevalece. O Papa João Paulo II nos convida constantemente a que nos lembremos dos pobres. Devo dizer que há grupos significativos de teólogos neste País que buscam desenvolver uma teologia contextual sintonizada com os desafios sociais e culturais que se apresentam à fé vivida neste ambiente.

Uma boa teologia contextual deverá, no entanto, também tratar de temas globais, porque a responsabilidade cristã não termina nas fronteiras nacionais. O ministério da solidariedade tem dimensões internacionais.

Pergunta: Como o senhor consegue manter a virtude da alegria e da esperança em tempos difíceis ou no meio de tantas críticas?

Gutiérrez: A alegria cristã não está relacionada a um objeto particular, mas à experiência do amor incondicional de Deus por nós. A alegria cristã provém do conhecer Deus e do procurar seguir a vontade de Deus. Alegria significa alegrar-se em Deus. Mas podemos ver no Magnificat que, quando Maria exulta em Deus, ela celebra também as ações libertadoras de Deus na história. Maria exulta em um Deus que é fiel aos pobres. O nosso serviço aos outros deve ser envolto desta alegria. Somente o trabalho vivido na alegria é verdadeiramente transformador.

E devemos empenhar-nos no nosso trabalho também com esperança. A esperança não é a mesma coisa que o otimismo. O otimismo reflete simplesmente o desejo que as circunstâncias externas melhorem no futuro. Não há nada de errado no otimismo, mas podemos encontrar razões que não nos deixam ser otimistas. A virtude teologal da esperança é muito mais que a esperança. A esperança é fundada na convicção de que Deus atua nas nossas vidas e no mundo. A esperança é, enfim, um dom de Deus, que nos é dado para nos sustentar nos momentos difíceis. Charles Péguy descreve a esperança como a 'irmãzinha' que caminha entre as 'irmãs maiores' que são a fé e a caridade. Quando as irmãs maiores estão cansadas, a irmãzinha instila vida e energia novas nas outras duas. A esperança não permite nunca que a nossa fé se enfraqueça ou que o nosso amor vacile.

Aprendi muito sobre a esperança e a alegria quando eu era jovem. Dos doze aos dezoito anos, sofri de osteomielite e fiquei confinado no leito. Havia, certamente, boas razões para me desencorajar, mas também estava fortemente presente o dom da esperança que me foi dado pela oração, a leitura, a família e os amigos. Mais tarde, foram também os meus paroquianos de Lima que me ensinaram volumes inteiros de esperança vivendo nos franjas da pobreza, e foi naquela ocasião que decidi escrever um livro sobre Jó. A esperança existe para os momentos difíceis.

DESTAQUES DA SEMANA

LIVRO DA SEMANA

Zygmunt Bauman, **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, 144 p.

*Trazemos, nesta edição, a abordagem de Cristiane Costa sobre o livro de Zygmunt Bauman, **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. O artigo foi publicado no **Jornal do Brasil**, em 22 de março de 2003. Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde ocupou a cátedra de Sociologia Geral. Em 1968, emigrou, reconstruindo sua carreira no Canadá, Estados Unidos, Austrália e Grã-Bretanha, onde, em 1971, tornou-se professor titular de sociologia da Universidade de Leeds, cargo que ocupou por*

vinte anos. Z. Bauman é autor de inúmeros livros quase todos traduzidos para o português. Este livro que apresentamos nesta semana é o último publicado no Brasil.

NINGUÉM ESTÁ EM CASA NO MUNDO DE HOJE

"O medo que você hoje sente não é à toa. Guerra, violência, desemprego, ansiedade e angústia, tudo isso faz parte de um sistema global que opera sob tensão entre dois pólos. De um lado a valorização da liberdade e o respeito à individualidade. De outro, a busca por segurança e uma vida baseada em valores comunitários. Qualquer pessoa que já tenha morado numa vila, aldeia ou cidade pequena e depois vivido a experiência tão libertadora quanto assustadora de tornar-se anônimo numa cidade grande sabe que esses dois lados são complementares, mas incompatíveis.

"Não seremos humanos sem segurança ou sem liberdade; mas não podemos ter as duas ao mesmo tempo e ambas na quantidade que quisermos", reflete o sociólogo polonês Zygmunt Bauman em seu novo livro, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Bastante conhecido no Brasil, onde tem sete livros publicados, entre eles *Em busca da política*, *O mal-estar da pós-modernidade* e o clássico *Modernidade e holocausto*, Bauman é um dos principais teóricos da globalização. Com grandes vantagens em relação aos concorrentes: o humanismo nato que o leva a investigar sempre as conseqüências para o sujeito comum de toda e qualquer mudança macroeconômica ou social provocada pelos grandes fluxos de capital, um antimaniqueísmo intrínseco que o afasta de dogmas ideológicos ou teóricos e o transforma em observador privilegiado do momento, a escolha de temas que refletem as angústias e ambivalências de todos nós e, acima de tudo, uma vontade absoluta de falar para qualquer leitor, treinado ou não nos jargões da globalização, com um texto claro, preciso e inteligente.

Em seu novo livro, o professor emérito das universidades de Leeds, na Inglaterra, e de Varsóvia, na sua Polônia natal, aprofunda uma tese já esboçada no anterior, *Em busca da política* (Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 216 p.). A de que "a ordem global precisa de muita desordem local" para se manter. Daí essa sensação crescente de insegurança que a globalização provoca nos cidadãos. Sem ela, o império (no novo sentido do termo cunhado por Antonio Negri) desmorona.

A uma existência insegura, de perspectiva incerta, Bauman diz que o modelo global contrapõe uma utopia, a da comunidade, este "novo nome para o paraíso perdido". Subúrbios verdejantes, condomínios cercados, carros blindados de vidros pretos, lugares públicos vigiados 24 horas por dia por câmeras de vídeo fazem parte de um projeto coletivo de criar um mundo fechado, sem estranhos, sem contaminar-se pelo outro. Mas há um preço a se pagar por esse privilégio.

"Você quer segurança? Então abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo", avisa Bauman.

Se as novas elites globais podem se isolar em "comunidades-bolha" e recolher as pontes levadiças, ao resto da população só restaria viver todos os riscos daquela que um dia ainda será chamada a Era da Insegurança.

Mas a grande novidade do livro é mostrar que, quanto maior a ênfase na segurança de um mundo dividido entre nós e os outros, maior a sensação de risco. "A comunidade realmente existente será diferente da de seus sonhos - mais semelhante a seu contrário: aumentará seus

temores e insegurança em vez de diluí-los ou deixá-los de lado. Exigirá vigilância 24 horas por dia e a afiação diária das espadas, para a luta, dia sim, dia não, para manter os estranhos fora dos muros e para caçar os vira-casacas de seu próprio meio", já advertia Bauman neste livro finalizado em março de 2000, exatos três anos antes de que os Estados Unidos se lançassem numa guerra preventiva contra o Iraque.

A utopia de uma comunidade segura tem um alto custo. E ele é pago pela sociedade com o redirecionamento dos investimentos em educação, saúde, trabalho e previdência social para armas e presídios.

Por que mundo ficou tão perigoso?

Bauman diz que falta mobilidade e justiça social. Se hoje a vida em comunidade é o grande mito do mundo globalizado, vale lembrar, como Zygmunt Bauman, que o capitalismo foi, num primeiro momento, o grande responsável pela destruição dos laços comunitários da sociedade camponesa-artesanal, vistos como potencialmente perigosos para o modelo econômico baseado na disciplina coercitiva das fábricas.

Hoje, essa coerção já pode ser dispensada. A insegurança "quanto à posição social, a incerteza sobre o futuro da sobrevivência e a opressiva sensação de não segurar o presente", segundo Bauman, faz com que as chances de resistência organizada aos movimentos dos detentores de poder sejam mínimas.

Na verdade, o que se deseja hoje é uma comunidade sem comunitarismo, sem vontade de ajudar os membros mais fracos, simplesmente excluídos, em nome de uma meritocracia em que cada um vale pelo que conquista na vida. Assim, gastos com transporte, educação, redistribuição de renda e previdência são cortados em nome dos ajustes exigidos pelo mercado, e redirecionados para a segurança pública e privada.

Bauman aponta ainda uma crescente "criminalização da pobreza", com minorias étnicas reduzidas a guetos, com cada vez mais reduzidas chances de mobilidade social. Mas há uma enorme diferença entre guetos de pobres, como as favelas, e guetos ilusórios, como condomínios, em que as elites globais voluntariamente se encerram. Do primeiro, não se pode sair. No segundo, não se pode entrar.

ARTIGO DA SEMANA

BARROCO PAMPIANO

POR MARIA TOMASELLI

Extraímos do jornal Zero Hora, de 10 de fevereiro de 2003, o artigo da artista plástica e cronista cultural do veículo, Maria Tomaselli. Com o título Barroco Pampiano, Tomaselli faz observações sobre a arquitetura das ruas e locais públicos de Porto Alegre, salientando a falta de design contemporâneo. Ela fará uma exposição artística no novo projeto do IHU - Humanitas Artes, durante o Simpósio Internacional Água: Bem Público Universal, em maio deste ano.

From Russia, with Love, não é o filme do James Bond, mas uma expressão que ouvi de um jovem inteligente e viajado, definindo o visual da nova perimetral de Porto Alegre. Um design tipo segundo mundo, tempo da guerra fria e da cortina de ferro. Nunca fui à Rússia, mas conheci a Alemanha Oriental no ano da queda do muro. Realmente, há alguma semelhança: o design é pesado, glorificando a tecnologia, uma tecnologia tristonha, opressora, presente

demais, querendo ser vista em vez de apenas estar aqui para ser útil. Muito ferro, muitas engenhocas inúteis, apenas decorativas, uma decoração monótona, o eterno retorno do sempre mesmo buraco, furo, argola, anel, bola, sei lá. Estou falando do gigantesco e infundável queijo suíço perfurado que cruza a cidade.

Da Ipiranga até a Plínio há 20 paradas. Cada uma tem 12 arcos, com 6 furos cada um: 1440 furos. Deve haver uns 40 postes no mesmo trecho, cada um com 6 furos: 240 furos. Total de furos entre paradas e postes no trecho: 1680. Além disso, nas laterais dos viadutos, há inúmeras chapas curvas que sustentam os guarda-corpos, cada uma com 3 furos, o que deve elevar o número de furos a mais de 2000, só nesse trecho da perimetral. Perguntei a um amigo meu, arquiteto, se os furos tinham algum sentido estrutural, tipo reforçando a tensão do material, ele disse que não, são decorativos.

E aí chegamos a uma peculiaridade porto-alegrense: o gosto pelo barroco pampiano.

Encontramos o barroco pampiano nos shoppings da cidade, ele foi implantado na fracassada Rua 24 Horas, o barroco pampiano está em hotéis, nas decorações natalinas, nas lojas.

Ele nos persegue e oprime. Todo mundo acha um horror, mas ele prolifera. Um dos ícones do barroco pampiano é a cascata, a ex-cascata no Bourbon Ipiranga, na praça da alimentação. Era uma cascata, decorando um arco que parece estrutural, mas como não chega ao chão, não deve ser, é apenas um elemento para conduzir a cascata de água, hoje desligada e transformada em cascata de flores de plástico. Antigamente, a água corria de recipiente pesadão em recipiente pesadão, de base de cobre, de acabamento de plástico verde. A água caía numa piscina multicolorida com fontanas, não di Trevi, mas das trevas.

Hoje não tem mais água, não sei por que, encheram os potes de terra e plantaram flores de plástico, que estão meio caídas e com lixo jogado. Fake puro. Fake é uma coisa que é, mas não é, fake é um simulacro, uma enganação, uma mentira.

A arquitetura pública de Porto Alegre tem fakes demais, educa mal. A inteligência de uma obra está na adequação dos meios ao uso. O que funciona é verdadeiro e com isso bonito. Como é que os jovens vão aprender a *edificar*, se nossos edifícios são mentirosos?

Ainda não descobri por que o *design* contemporâneo, a arquitetura atual, de linhas simples e claras, não tem entrada em Porto Alegre. Existe hoje no mundo todo um turismo de design. As pessoas viajam para conhecer obras-primas da arquitetura contemporânea. Os hotéis de Phillipe Starck em Nova York estão sempre lotados, pelo prazer visual que dão. Bilbao se inseriu no circuito mundial pelo Museu Guggenheim.

Porto Alegre, cidade privada de excepcionais belezas naturais, deveria investir nisso. Mas, nem tudo está perdido. O star-arquiteto Álvaro Siza está construindo, na cidade, a Fundação Iberê Camargo. Vai ser um parâmetro para uma arquitetura *clean*, enxuta, funcional. E o que salva a perimetral são os carros que nela trafegam, os lindos Kas, Focus e Gols da vida. Por eles sabemos que não estamos atrás da cortina de ferro.

ENTREVISTA DA SEMANA

EUA - UM IMPÉRIO EM DECADÊNCIA

Reproduzimos, na íntegra, a entrevista de Emmanuel Todd concedida ao jornal **El País**, em 22 de março de 2003. E. Todd, historiador e demógrafo, é autor de vários livros, entre eles: **A ilusão econômica**, editado pela Bertrand Brasil, 1999; **La invención de Europa**, Editora Tusquets, 1995 – sem tradução para o português; **Após o Império**, Edições 70, 2002 e **La chute finale**, uma obra premonitória que, em 1976, previu a derrocada do sistema soviético. Emmanuel Todd, nasceu em 1951. É diplomado pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris e, pela Universidade de Cambridge, como doutor em História.

A tradução e os subtítulos são dos nossos colegas do CEPAT, de Curitiba, aos quais agradecemos.

O MICROMILITARISMO TEATRAL E SEUS OBJETIVOS

El País - Você afirmou que o Império americano é um império em decadência, logo agora que os Estados Unidos se aprestam em fazer uma demonstração de força contra a opinião pública mundial.

Emmanuel Todd – Fazer a guerra contra um Estado minúsculo, de 20 milhões de habitantes, exausto e sem um exército digno deste nome não é uma demonstração de força, é uma manifestação do que chamamos de micromilitarismo teatral. Nesta crise, constatamos que aos Estados Unidos nada mais lhes resulta fácil. Um ano para atacar uma minipotência como o Iraque revela complicações impróprias de uma grande potência. A decomposição do sistema americano é muito mais rápida do que o meu livro havia imaginado.

El país – O fracasso diplomático dos Estados Unidos é uma demonstração dessa perda de poder?

Emmanuel Todd – Estamos assistindo a uma primeira tentativa de reestruturação do sistema mundial contra as posições dos Estados Unidos. Creio que Washington nunca imaginou a rejeição que encontraria nessa crise. O micromilitarismo teatral tinha um duplo objetivo: fazer esquecer aos americanos que sua economia parece o *Titanic* e é absolutamente dependente em função do déficit comercial, e transmitir ao mundo o sentimento de que os EUA são imprescindíveis. Escolhe-se um anão, um inimigo insignificante na longínqua Ásia e ataca-o para demonstrar que a América que lutou contra o fascismo, contra o comunismo, segue sendo imprescindível.

El País – E as pessoas não estão acreditando?

Emmanuel Todd – O que está ocorrendo é exatamente o contrário do que eles previam. No princípio desse conflito, as pessoas pensavam que Saddam Hussein era uma ameaça para todos, mas passados alguns meses as pessoas já pensam que a ameaça principal é George Bush. Um êxito colossal dos EUA.

Chaves de leitura

El País – Quais têm sido as chaves para entender esse processo?

Emmanuel Todd – Tem sido um processo por etapas. A primeira, e decisiva, foi a reeleição de Schröder na Alemanha, que os Estados Unidos não esperavam e arruinou parte dos seus planos. Schröder foi eleito a partir do argumento da oposição à guerra. A Alemanha e o Japão, os dois grandes derrotados da II Guerra Mundial, têm sido os dois grandes pilares do sistema americano. A Alemanha e o Japão são as duas principais economias industriais exportadoras, no entanto quem dominava estes dois países, eram realmente os EUA, os donos do mundo. A perda do apoio alemão foi, portanto, muito sensível. A segunda etapa vem como consequência da primeira: a França se encontra na disposição de seguir o modelo sugerido pelo general De Gaulle. Uma vez a Alemanha separada dos Estados Unidos, se gera imediatamente a dinâmica da aliança franco-alemã. E ambos os países compreenderam que, se cada um é, por si só, uma potência mediana no âmbito europeu, juntos são uma força estratégica mundial.

El País – Porém isso ocorre num momento de debilidade alemã.

Emmanuel Todd – A particularidade desse momento é que há somente atores fracos. Diferentemente do século passado, não há atores fortes. A economia americana é um desastre no âmbito industrial; as economias européias são mais fortes industrialmente, mas têm enorme debilidade demográfica. O Japão tem problemas parecidos com os da Europa. A Rússia é fraca, porque sua economia se desestruturou e porque está em regressão demográfica.

O surgimento da opinião pública européia e o retorno da Rússia

El País – Resta pendente a terceira etapa desse processo.

Emmanuel Todd – É o surgimento da opinião pública européia. O acordo franco-alemão é eficaz no plano internacional, porque representa a cidadania européia. Fala-se nesses dias que é muito grave a Europa ter se dividido, que Blair, Aznar e Berlusconi e os países do Leste estejam de acordo com o eixo franco-alemão. Mas o importante, e parece que alguns não se deram conta disto, é que franceses e alemães não têm razão alguma para parar com sua estratégia, porque estão em sintonia com a opinião européia e, portanto, não há nenhuma ameaça à sua posição. A outra novidade – quarta etapa se quiser – é o retorno da Rússia ao concerto das nações. Uma vez estabilizado o pacto franco-alemão, abre-se uma relação com a Rússia que crescerá à medida que as opções americanas se militarizem. Se Bush continua radicalizando, o que é uma relação ocasional poderá se converter em algo estável.

Blair, Aznar e Berlusconi – ajuste de contas nas urnas

El País – Ou seja, a ruptura provocada por Blair e Aznar, em sua opinião, não significa que os Estados Unidos tenham colhido um primeiro êxito: a divisão da Europa.

Emmanuel Todd – Não. A Europa não está dividida. Em meu livro, explico o que faz com que os europeus existam: uma taxa de violência baixa, um desempenho razoável no campo econômico, uma complexa relação com o passado. Agora, à vista das sondagens de opinião nestes dias, sabemos que a Europa existe. O projeto americano tem sido revelador: os espanhóis, os ingleses e os italianos têm demonstrado serem mais europeus que os seus governos. As previsões são fáceis: a guerra será grotesca e durará um momento, não pode ser de outro modo dada a monumental desproporção entre as forças em luta. Depois virá a decisão dos povos europeus, que ajustarão suas contas nas urnas com Blair, Aznar e Berlusconi, que desapareceu subitamente de cena. O erro de Blair e Aznar é de apreciação da relação de forças e superestimação da potência americana. Blair e Aznar se comprometeram com as políticas neoliberais, coisa que não ocorreu nem a Chirac, nem a Schröder. Os países que têm resistido à pressão americana tem sido precisamente aqueles nos quais o neoliberalismo penetrou menos. O arrazoado de Blair e Aznar tem sido: vamos ter um enfrentamento com a opinião pública, mais um dia nos agradecerão por haver estado do lado do mais forte, do vencedor. Equivocaram-se.

El País – Na realidade, o ‘deus’ em nome de quem apostaram suas fichas não é tão poderoso como imaginavam.

Emmanuel Todd - Desde o primeiro momento, percebeu-se a debilidade dos Estados Unidos, que não conseguiram a coalizão imaginada e que terão dificuldade em pagar esta guerra. Mas agora, Blair e Aznar se tornaram jogadores envolvidos em uma partida de pôquer da qual lhes custará muito caro sair e reconhecer que se equivocaram.

El País – Mas a Inglaterra sempre esteve incondicionalmente do lado americano.

Emmanuel Todd - Sim, mas não desse modo. A tradição inglesa tem sido de efetiva aliança com os Estados Unidos, mas sobre uma base igualitária. Blair oferece à Inglaterra uma aliança com os Estados Unidos sobre um princípio hierárquico muito forte.

Militarmente, os EUA não são tudo o que se imagina

El País – Você disse em seu livro que os Estados Unidos são uma potência em crise, porque não têm poder militar e econômico e porque o seu universalismo ideológico está em declínio. Entretanto, têm um exército que, sozinho, é igual aos sete que o seguem no ranking.

Emmanuel Todd - A capacidade de um exército não se mede em cifras com gasto militar. A única certeza sobre o exército americano é a sua preponderância absoluta no terreno aeronaval. No plano das forças de destruição nuclear estratégica, a Rússia é absolutamente capaz de destruir os EUA, com a qual a superioridade neste terreno não existe. A grande debilidade do exército americano está em sua tradicional incapacidade de atuar em terra, que a guerra do Afeganistão, apesar de ter sido apresentada como uma grande vitória americana, confirmou. Diz-se que, na guerra, a contribuição britânica é simbólica. Em absoluto, na terra é muito mais eficaz que a americana. A capacidade real da ação universal dos Estados Unidos está na livre disposição das bases militares no Japão, na Coréia, na Alemanha, na Espanha, na Inglaterra, em todas as partes. A importância dessas bases não está somente na capacidade operativa, mas sim na legitimidade que dão à ação americana. É o reconhecimento da Europa de que necessita dos EUA para defender-se. Mas, se os Estados Unidos seguem em frente com a 'loucura' de Bush, será cada vez mais difícil, em muitos países, manter essas bases. E sem bases na Europa, o poder militar americano se debilitaria enormemente.

El País – Não vejo muita disposição nos países europeus em rechaçar as bases americanas.

Emmanuel Todd – Permita-me que descreva um cenário negro para os americanos. Os Estados Unidos derrubam Saddam. Há ainda muitas tropas que ficam no território iraquiano. De um 'golpe' só, os países europeus começam a fechar as bases americanas. Aí se demonstraria que os Estados Unidos não têm os meios logísticos e econômicos para assegurarem sua presença no Oriente Médio. Os europeus devem ser conscientes dessa força. E por isso, para mim, a relação com a Rússia parece fundamental. Os europeus devem tomar consciência de que a Rússia já não é uma ameaça porque é um país pacífico e em crise demográfica.

El País – Mas Putin não é um personagem que ofereça muita confiança.

Emmanuel Todd - Eu não sou dessa opinião. Parece-me um personagem racional e realista.

El País - Apesar da Tchetchênia?

Emmanuel Todd - Podemos falar da Tchetchênia. O que eu quero dizer é que se os Estados Unidos seguem em decadência, praticando a agitação militar para a Europa, a Rússia passará do estatuto de ameaça ao estatuto de aliado. E a relação da Europa com a Rússia deixará de passar pela intermediação dos Estados Unidos. A questão da Tchetchênia apenas atrasa a possibilidade de que este tipo de aliança aconteça.

A questão da economia

El País – A questão da economia: você insiste no fato de que a economia americana é muito dependente do exterior, mas as demais economias dependem do consumo americano.

Emmanuel Todd – Poderíamos dizer que os americanos são fortes porque comem. Brincadeiras à parte, é evidente que a Europa não tem como competir militarmente com os Estados Unidos, mas sim tornar sua economia cada vez mais forte, estimular o consumo interno e estender sua influência sobre outras áreas do Planeta, trabalhando para um reequilíbrio geral. Para um só país é difícil sair do sistema; para muitos, não. Atualmente, o dinheiro europeu vai até os Estados Unidos, ali se redistribui e volta para Europa através do consumo americano. Se este circuito se detiver, não haverá solução para os Estados Unidos, e os europeus podem imaginar uma outra forma de distribuição dos recursos financeiros no mundo. Bastaria que partes desses recursos fossem para os países em desenvolvimento, para que estes se convertessem em consumidores, e o equilíbrio mudaria.

O universalismo ideológico americano

El País – Você fala da crise do universalismo ideológico americano, mas a cultura americana tem um peso considerável no mundo.

Emmanuel Todd – A época da guerra fria foi a do universalismo americano máximo. No exterior, pela propagação de uma economia liberal homogênea nos países desenvolvidos e pelo apoio da descolonização no conjunto do mundo ocidental e, no interior, com a luta contra a segregação e por direitos civis. O desaparecimento da pressão soviética devolveu ao sistema mental americano o seu equilíbrio natural e reduziu o perímetro de inclusão de outros povos ao seu universo. Vê-se isso internamente nos EUA com o fracasso da integração de negros e hispanos. E no exterior, por exemplo, com a inclusão de Israel no sistema americano e a exclusão dos árabes.

El País – Você disse em seu livro que há uma fixação americana sobre o mundo muçulmano.

Emmanuel Todd – É uma das manifestações das debilidades dos Estados Unidos. A regressão a um universalismo ideológico conduz a uma nova intolerância que concerne ao estatuto da mulher no mundo islâmico; a perda de eficácia econômica redobra a obsessão pelo petróleo árabe, e o micromilitarismo teatral encontra nos países do mundo muçulmano, frágeis, um terreno, um magnífico objetivo.

El País – Mas o terrorismo do tipo islâmico existe.

Emmanuel Todd – Sim, mas o que os Estados Unidos estão fazendo é uma grande confusão, como se todo o terrorismo fosse igual e todos os inimigos tivessem a ver com o terrorismo. A luta contra o terrorismo se faz de outra maneira. Uma guerra contra o Iraque não serve para nada. Neste momento, no mundo, as coisas vão muito depressa, e os Estados Unidos estão lentos demais. Uma só ameaça global pesa hoje sobre o Planeta, os mesmos Estados Unidos, que, de protetores, se converteram em depredadores em um momento em que os sinais de debilidade de sua democracia interna são graves. Basta se lembrar como foi eleito Bush.

FRASES DA SEMANA

Shock & Awe

*“Estamos tentando promover uma guerra segundo outra teoria militar, a do “choque e pavor”. Explicada de forma simples, a teoria do choque e pavor propõe que o arsenal americano de armas de precisão se desenvolveu tanto que um bombardeio aéreo pode acabar com a vontade do oponente de resistir. Os bombardeios são tão dramáticos em efeitos sensoriais e tão precisos na mira da infra-estrutura da liderança que os responsáveis pelas decisões não têm escolha a não ser renderem-se”. - Ralph Peters é militar aposentado e autor do livro recém-lançado **Beyond Terror: Strategy in a Changing World (Por Trás do Terror: Estratégia em um Mundo em Transformação)**, no artigo intitulado ‘Choque e pavor não funcionam com Saddam’, publicado no **The Washington Post** e reproduzido n’**O Estado de São Paulo**, 27-3-03.*

*“Algumas coisas não mudam. A melhor maneira de chocar e pascar um inimigo ainda é matá-lo. Os que querem travar guerras anti-sépticas por razões políticas não deveriam começá-las”. - Ralph Peters acima citado – **O Estado de São Paulo**, 27-3-03.*

“Algumas lições desta guerra já estão claras: ferocidade, habilidade e determinação, não teorias, vencem guerras. E nosso país vai continuar a exigir forças adequadamente pagas e

balanceadas, em todos os nossos serviços militares, por muito tempo ainda". - Ralph Peters acima citado – O Estado de São Paulo, 27-3-03.

França e Inglaterra: charters semanais levam de volta os migrantes

"No começo do mês de abril, o governo francês organizará, com o governo socialista inglês, um vôo charter conjunto, levando de volta os afegãos ao Afeganistão". – Nicolas Sarkozy, Ministro do Interior da França, anunciando os vôos 'charters' semanais, repatriando migrantes estrangeiros – Le Monde, 27-3-03. Só no mês de março, expediram três vôos 'charters, levando de volta estrangeiros: um para Dakar, outro para Abidjan, e o terceiro novamente para Dakar.

Regras iguais para todos os países

"O poder dos EUA é um fator totalmente decisivo para a paz e a estabilidade no mundo. Mas uma ordem mundial não pode funcionar se o interesse nacional da maior potência se converte no critério de definição para a missão da potência militar desse país. Definitivamente, as mesmas regras devem servir para os grandes, os medianos e os pequenos". – J. Fischer, Ministro alemão das relações exteriores em entrevista publicada na revista alemã Der Spiegel e reproduzida pelo jornal espanhol El País, 26-3-03.

Europa e EUA – Vênus e Marte

"O politólogo americano Robert Kagan desenvolveu este extravagante panorama, segundo o qual os europeus vivem em Vênus, sonhando com uma paz eterna, enquanto os americanos procedem de Marte e se encontram na dura realidade de serem o lobo da política internacional na luta de todos contra todos. Quem conhece a história da Europa, sabe que aqui se fizeram muitas guerras. Os americanos não tiveram nenhum Verdun no seu continente. Nos EUA, não há nada que se compare com Auschwitz ou Stalingrado ou outros lugares horrivelmente simbólicos da nossa história". – J. Fischer, Ministro alemão das relações exteriores em entrevista publicada na revista alemã Der Spiegel e reproduzida pelo jornal espanhol El País, 26-3-03.

EUA: Uma república teocrática...

"Os EUA se tornaram uma teocracia, porque quase todas as decisões importantes da administração Bush são tomadas "in the name of God" – em nome de um Deus da cólera e da vingança, não do amor e da compaixão -, e este sistema não encontra nenhuma resistência séria dos poderes legislativos e judiciários instituídos, sem falar dos meios de comunicação que, na maior parte, o sustentam". - François de Bernard, filósofo e escritor francês, autor de vários livros, entre os quais La Pauvreté durable (Le Félin Poche, 2002) e Parthénia 2 050 (Le Félin Fiction, 2003), no artigo 'Une république théocratique et pathocratique', publicado no jornal Libération 26-3-03.

...e psicopata

" 'Bush é louco!' 'Eles enlouqueceram!' Longe de essas expressões serem uma mera formulação metafórica, chocante e pseudocientífica, trata-se de compreender e medir a que ponto o novo imperador, seus principais conselheiros e executivos levaram o pathos mais inquietante ao coração da cidade mundial, e estão a um passo de o propagar com uma velocidade e uma amplitude nunca vistas". - François de Bernard, filósofo e escritor francês, autor de vários livros, entre os quais La Pauvreté durable (Le Félin Poche, 2002) e Parthénia 2 050 (Le Félin Fiction, 2003), no artigo 'Une république théocratique et pathocratique', publicado no jornal Libération 26-3-03.

“Vemos se manifestar e se desenvolver uma visão de mundo intrinsecamente paranóica, delirando com cruzadas as mais regressivas, se apossando de um simbolismo onde qualquer contestação externa se erige como uma figura de crime que deve ser punido com rigor extremo e onde toda e qualquer decisão e toda ação são referidos a uma divindade vingativa...” - François de Bernard, filósofo e escritor francês, autor de vários livros entre os quais *La Pauvreté durable* (Le Félin Poche, 2002) e *Parthénia 2 050* (Le Félin Fiction, 2003), no artigo ‘*Une république théocratique et pathocratique*’, publicado no jornal *Libération* 26-3-03.

Ogivas nucleares?

“O pior pesadelo das forças da coalizão envolvidas na operação Liberdade Iraquiana, um ataque com ogivas químicas sobre grandes concentrações das tropas anglo-americanas, pode levar o presidente George W. Bush a ordenar uma retaliação nuclear empregando a mais nova arma do arsenal atômico americano, a bomba B61-11 de alta precisão” – Roberto Godoy, analista de estratégias militares, no artigo ‘*Ameaça: contra armas químicas, arma nuclear*’ publicado no *O Estado de São Paulo*, 27-3-03.

Bush e a religião

“A voz da própria Igreja do presidente não foi escutada” – Joseph Sprague, bispo metodista de Chicago, explicando, pouco antes de ser preso, que os prelados da Igreja a qual pertence G.W. Bush se declararam contra a guerra e não foram recebidos pelo presidente – *La Jornada*, 27-3-03

Quatro mil bombas sobre o Iraque

“Ao cumprir-se uma semana de guerra da aliança anglo-estadunidense contra o Iraque, os informes militares confirmam que mais de quatro mil bombas foram lançadas desde o início da campanha militar” – Robert Fisk, enviado especial ao Iraque – *La Jornada* 27-3-03

MEMÓRIA

KAREL KOSIK, CRÍTICO DOS TEMPOS MODERNOS

A DIALÉTICA DO CONCRETO

Faleceu no dia 21 de fevereiro de 2003, Karel Kosik, filósofo checo. Kosik é autor do importante livro, escrito em 1963, **Dialética do concreto**, editado, no Brasil, pela Editora Paz e Terra, cuja 5ª edição é de 1989. O livro o tornou mundialmente conhecido, pois foi publicado em muitas línguas. Foi um dos iniciadores e protagonistas da ‘Primavera de Praga’, em 1967-1968, movimento reformista dentro do comunismo tcheco-eslovaco, que foi tragicamente reprimido pelos tanques soviéticos, em agosto de 1968. Segundo ele, o movimento foi um fenômeno que negava os dois paradigmas imperantes na escala planetária: o socialismo de tipo soviético e o capitalismo de marca norte-americana.

O jornal italiano *Il Manifesto*, em 1º de março de 2003, além de publicar um depoimento de Rossana Rossanda, fundadora do jornal que o conheceu pessoalmente, analisa que Kosik foi o expoente de um marxismo que se caracteriza por pontos como o humanismo, a crítica da alienação, a recusa do rígido materialismo dialético, o papel do momento ético, a centralidade da práxis humana. Assim que na *História do Marxismo*, publicada, no Brasil, pela Editora Paz e

Terra, Johann Arnason descreve o livro de Kosik como “provavelmente o trabalho filosófico mais fecundo que se produziu na Europa Oriental depois da guerra”.

Na elaboração da sua original concepção dialética, Kosik tem muito presente não somente a tradição fenomenológica mas, particularmente, a obra *Ser e Tempo* do primeiro Heidegger.

O tema da democracia foi outro dos temas centrais pelos quais Kosik se bateu: uma “democracia integral”, que devia permear não somente os lugares da produção, mas assegurar a plena garantia de todas as liberdades.

EVENTOS IHU

IHU IDÉIAS

Lembramos que o evento acontece nas quintas-feiras das 17h30min às 19h, na sala 1C103. No final do evento, como já é tradição, é servido café, água e suco de laranja.

ERNANI MARIA FIORI: A EDUCAÇÃO POPULAR A PARTIR DE UM FILÓSOFO GAÚCHO

A última edição do *IHU Idéias* do mês de março, realizada no dia 27, contou com a junção da Filosofia e da Educação em seu tema. O prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer, professor do PPG em Filosofia da Unisinos, apresentou o tema *Ernani Maria Fiori: a educação popular a partir de um filósofo gaúcho*. O tema foi desenvolvido pelo prof. Kronbauer na sua tese de doutorado em Educação pela UFRGS. Após apresentar uma breve biografia de Fiori, entre outros aspectos, Kronbauer abordou os conceitos de Fiori sobre educação e cultura popular, recorrendo à opinião do Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, amigo do filósofo gaúcho estudado.

ECOS DO EVENTO

"Este espaço é de total aprendizagem. Há 4 anos, eu estudo o tema da educação popular. Quando vejo o assunto em algum lugar, vou buscar algo mais. O que ouvi hoje é inédito. É a primeira vez que ouço a educação popular ser tratada sob essa perspectiva. Um filósofo como Fiori, que soube olhar com atenção para a educação popular, é fantástico!"

Rita de Cássia Machado, aluna do curso de Filosofia da Unisinos e bolsista do PPG em Educação da Universidade.

"É importante fazer esse resgate de um pensador de grande significado para o Rio Grande do Sul, que caiu no esquecimento. Hoje vimos o quanto a Pedagogia precisa da Filosofia. Essa reflexão mais profunda se dá bem com Fiori, que era filósofo e educador".

Prof. Dr. José Roque Junges, professor do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos.

SPORT CLUBE INTERNACIONAL NO PRÓXIMO IHU IDÉIAS:

Aberto a gremistas e colorados, o próximo **IHU Idéias**, no dia 3 de abril, abordará o tema Sport Clube Internacional: a construção de uma identidade. O tema será apresentado pela prof^a. Berenice Corsetti, vice-diretora do Centro de Ciências Humanas. Formada em História pela Universidade de Caxias do Sul, com mestrado em História Universal, pela Universidade Fluminense a profa. Berenice é doutora em Educação, pela Universidade de Santa Maria em convênio com a Unicamp. **IHU On-Line** conversou com a prof^a. Berenice a respeito do tema.

IHU On-Line- Qual é a relação entre o time e a construção da identidade?

Berenice Corsetti- A opção por um determinado clube integra a construção da identidade dos sujeitos sociais. É uma opção que leva implícita uma paixão. Por que as pessoas se apaixonam? Não é por 11 jogadores, que correm atrás de uma bola. Há todo um simbolismo, tem a ver com o imaginário, com o lúdico, com o espaço social.

IHU On-Line- Como será abordado o tema no IHU Idéias?

Berenice Corsetti- A idéia é fazer um resgate de minha própria memória. Eu, mulher, me coloco num espaço que se caracteriza por ser essencialmente masculino. É muito reduzida a participação da mulher nos espaços de futebol. Partilharei também minha experiência atual no Internacional como Conselheira eleita no Conselho Deliberativo do Clube, desde fevereiro de 2003 e o trabalho do projeto Criança Colorada. O Conselho seria o poder legislativo do Clube, um espaço político importante. A entrada de mulheres- somos 7 mulheres entre 300 conselheiros- fez parte de uma luta política importante.

O RUÍDO DE GUERRA E O SILÊNCIO DE DEUS

Na próxima semana, dia 10 de abril, o tema do IHU Idéias será "O ruído de guerra e o silêncio de Deus", com o Prof. Dr. Manfred Zeuch, professor da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA e professor visitante da Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia - CEC.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL INICIA NO DIA 10 DE ABRIL

Inicia no próximo **dia 10 de abril**, a primeira sessão do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, novo projeto do IHU. Será o primeiro dos quatro encontros programados para a primeira etapa do Ciclo, correspondendo ao primeiro semestre de 2003. Na ocasião, o prof. Paulo Staudt Moreira, do PPG em História da Unisinos, estará apresentando a obra **Casa grande e senzala**, de Gilberto Freyre, das 14h às 17h, na sala 1C103, no Centro de Ciências Humanas da Unisinos.

A programação das outras sessões já estão definidas.

Dia **8 de maio**, das 14h às 17h, na sala 1C103, o livro a ser abordado é **Raízes do Brasil**, de Sergio Buarque de Holanda, pela prof^a. Eliane Cristina D. Fleck, do PPG em História da Unisinos.

No dia **5 de junho**, no mesmo horário e local das sessões anteriores, a professora Márcia Lopes Duarte, do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, apresentará a obra **Os Sertões**, de Euclides da Cunha.

Finalizando a etapa, no **dia 12 de junho**, o tema a ser trabalhado será **A construção do Brasil: idéias sobre a identidade nacional**. Será no Auditório Maurício Berni, Centro de Ciências Jurídicas da Unisinos, das 20h às 22h, com palestrante a confirmar.

As inscrições já estão abertas, e as vagas são limitadas. Os interessados devem entrar em contato com o setor de Admissão e Matrícula da Unisinos, pessoalmente, ou através da linha direta (51) 591.1122. O custo da inscrição é de R\$ 20,00 para as quatro etapas. Será fornecido certificado por freqüência. Alunos de alguns cursos de graduação podem ter as horas do evento contadas como horas complementares em seu currículo de curso. São eles: Serviço Social, Letras, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Administração de Empresas, Comércio Exterior e Ciências Econômicas.

Para maiores informações, entrar em contato com a Secretaria do IHU, através do telefone: (51) 590.8223.

ABRINDO O LIVRO

O Instituto Humanitas Unisinos lança mais um novo projeto - **Abrindo o Livro**. A sessão de abertura será dia 16 de abril, das 19h45min às 22h, na Sala de Seminários 2, da Biblioteca da Unisinos. Na ocasião, o prof. Dr. Inácio Neutzling, coordenador do IHU e professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos, apresentará o livro *Império*, de Michel Hardt e Antonio Negri. O projeto **Abrindo o Livro** tem por objetivo trazer ao debate na comunidade acadêmica alguns livros de difícil acesso ao público em geral.

IHU REPÓRTER

IHU Repórter traça o perfil de:



TELMO ADAMS

Nascido no município de São Luiz Gonzaga, numa família de pequenos agricultores, Telmo Adams é o terceiro entre 11 irmãos. Desde 1991, mora em Morro Reuter. Telmo ingressou na Unisinos neste ano, com o objetivo de contribuir nas atividades da Área de Concentração II do IHU. Ele prioriza o diálogo com os Grupos Temáticos, a inserção do IHU no estudo da transdisciplinaridade da Unisinos e a perspectiva de avanço na integração e interação entre as temáticas.

Formação - Após terminar o primário lá na comunidade onde cresci, ingressei no seminário da Companhia de Jesus em Itapiranga, Santa Catarina. Na época, tinha 13 anos. Em 1970, fui para o seminário em Salvador do Sul e lá concluí o ginásio. Fui, então, para Florianópolis e estudei no Colégio Catarinense, que funcionava junto ao seminário. Em 1977, ingressei na Unisinos e comecei a cursar Filosofia e História paralelamente. Naquele ano, desliguei-me da vida religiosa e comecei a trabalhar na Escola Técnica Parobé, durante a noite. No ano

seguinte, desisti do curso de História e segui a Filosofia. Formei-me em 1980. Em 1984, concluí o Curso de Especialização em Pastoral Popular e, em 1987, o Curso de Especialização em Cooperativismo, aqui na Unisinos. Em 1999, concluí o Mestrado em Serviço Social na PUCRS, em Porto Alegre.

Trajetória- Trabalhei como voluntário em comunidades eclesiais de base. O trabalho era intensivo na Vila Paim, em São Leopoldo, onde fui morar a partir de 1979. Desse ano em diante, passei a coordenar o trabalho de Pastoral Popular da Diocese de Novo Hamburgo. Em 1983, fui contratado para assumir a coordenação da Cáritas Diocesana de Novo Hamburgo, onde fiquei durante 10 anos. A partir daí, passei a trabalhar na Cáritas Regional de Porto Alegre, inicialmente na função de assessor na área de formação e depois como secretário regional. Esta última função encerro no final deste ano, quando termina o segundo mandato de quatro anos.

Família - Casei com Marili em 1981 e nosso filho Daniel veio um tanto depois. Ele acaba de completar 5 anos. É uma graça de criança, que mudou as nossas vidas e os nossos conceitos. Eu e a Marili temos como projeto de vida o trabalho social associado à nossa profissão. Família é a base da vida. É o fortalecimento do meu ser.

Autor - Leonardo Boff.

Livro - A voz do arco-íris, de Leonardo Boff.

Filme - A Corrente do Bem, de Mimi Leder.

Presente - A presença dos amigos.

Um grande sonho - Ter tempo para viajar a lazer e conhecer lugares bonitos, principalmente aqui no Brasil.

Planos - Introduzir-me na perspectiva de soma aqui no IHU e me preparar para o doutorado, que pretendo cursar a partir do ano que vem.

Unisinos - Novo desafio de trabalho, de vivência, com construção de relações e conhecimentos. É uma nova perspectiva para contribuir como cidadão no processo de educação, sabendo que a Universidade tem uma importante missão junto à sociedade. Missão de transformação social.

IHU - Espaço provocativo para animar a integração e interação entre as diversas áreas da Unisinos. É a alma animadora da missão da Universidade.

Referencial - Minha avó materna, meu sogro, mas, principalmente, minha esposa Marili, a quem dedico toda minha admiração.

Guerra - Sensação de frustração com a humanidade, que, em pleno 3º milênio, ainda não criou juízo.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Parceria IHU e Centro 3

No dia 24 de março, a coordenação do IHU esteve reunida com a prof^a. Dr^a. Ione Bentz, diretora do Centro das Ciências da Comunicação. A pauta constou de três temas: a idéia da criação de uma revista, o projeto Quarta às Quatro e o Ciclo de Estudos sobre o Brasil.

Revista

No dia 24 de março, a prof^a. Thaís Furtado e o jornalista Marcelo Garcia dos Santos, da Agência Experimental de Comunicação da Unisinos, entregaram à coordenação do IHU os 'bonecos' gráficos de uma possível revista.

Linha Aberta

No dia 25 de março, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, participou do programa Linha Aberta, produzido pela jornalista Helena Martinho, da TV Unisinos, que teve como tema "Guerra, Paz e Religião".

Humanitas Arte I

No dia 25 de março, a coordenação do IHU esteve reunida com a artista Maria Tomaselli, discutindo detalhes técnicos da realização do primeiro evento do programa Humanitas Arte, a ser iniciado no mês de maio, concomitante com a realização do *Simpósio Internacional Água: Bem Público Universal*.

Humanitas Arte II

Também tendo o projeto Humanitas Arte como pauta de encontro, estiveram reunidos com a coordenação do IHU, no dia 26 de março, a prof^a. Dr^a. Márcia Tiburi, do PPG em Filosofia, da Unisinos, André Luiz Cavalheiro, chefe do Setor de Obras, da Unisinos, e Mauro Cristiano de Oliveira, agente de proteção e risco da Unisinos.

Área de Concentração II

No dia 26 de março, a coordenação reuniu-se com o prof. Dáris Corbellini, coordenador da área de concentração II, Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade, do IHU, e com José Renato Soethe e Telmo Adams, inseridos na mesma área de concentração. Na ocasião, foram discutidas algumas questões pertinentes às atividades do setor.

Liturgia na Unisinos

O serviço de liturgia e a manutenção das atividades na Capela Universitária foram assuntos abordados na reunião ocorrida na tarde do dia 27 de março. Além da coordenação do IHU, participaram o prof. José Moacir Gomes Pereira, chefe de gabinete da Reitoria da Unisinos, e Claudia Acosta e Ana Maria Formoso, da área de concentração Teologia Pública, do IHU.

Polêmica

Inácio Neutzling, coordenador do IHU, participou no dia 28 de março, juntamente com o prof. Dr. Anderson Zzalwski Vargas, prof. no Departamento de História da UFRGS e o prof. Nestor

Torelly Martins, prof. de arquitetura da Unisinos, do programa *Polêmica* da Rádio Gaúcha, abordando o tema da guerra entre Eua e Iraque.

INTERATIVO

CARTAS DO LEITOR

Prezado/as amigo/as:

Temos o prazer de informar que temos dado difusão ao Simpósio através do nosso site. Desejamos o maior sucesso no evento e agradecemos a mensagem,

María Noel Estrada Ortiz
Secretariado de Manejo del Medio Ambiente (SEMA)
Environmental Management Secretariat (EMS)
International Development Research Centre (IDRC)
Av. Brasil 2655
Montevideo, CP 11300, Uruguay

SALA DE LEITURA



"Um livro interessante, que serve como uma aula sobre a área de Relações Públicas, é ***Na trilha da excelência - uma lição de Relações Públicas e encantamento de clientes***, do jornalista Alexandre Volpi. Negócio Editora, São Paulo, 2001. 242 páginas. O autor faz um relato dos 40 anos de trajetória profissional de Vera Giangrande. Vera foi Relações Públicas e é considerada um ícone na área. Morreu em agosto de 2000, quando era *ombudsman* do Grupo Pão de Açúcar, de São Paulo. O livro é um relato da sua experiência profissional e dos projetos de encantamento e relacionamento com os clientes. Também constam na obra as atividades da consultoria de Relações Públicas que a autora possuía, chamada Informe. Um fato interessante que aparece no livro, é que, no dia de seu falecimento, ela estava vindo dar uma palestra na Unisinos para as turmas de Relações Públicas. Faleceu no aeroporto, de um ataque cardíaco, aos 69 anos. O livro é moderno, gostoso de ler e destinado aos leigos que não sabem o que faz um profissional de Relações Públicas".

Profª. MS Helenice Carvalho, mestre em Administração, doutoranda em Ciências da Comunicação, professora do Centro de Ciências da Comunicação e coordenadora da área de Relações Públicas da Agência Experimental de Comunicação - Agexcom, da Unisinos.



"Quando um livro nos provoca e instiga, é oportuno tornar a lê-lo. É o que estou fazendo com ***As deusas e a mulher***, de Jean Shinoda Bolen, psiquiatra e analista junguiana. Paulinas, 1990. 417 páginas. A autora estabelece correspondências entre a psicologia e a mitologia grega, analisando os padrões interiores que conformam o comportamento e as ações das

mulheres de hoje. Jean Bolen parte da premissa de que o conhecimento das deusas oferece à mulher um recurso para o seu próprio bem, como lhe permite maior clareza em seus relacionamentos com o outro, seja pai, marido, namorado ou filho.

A psique feminina é analisada na perspectiva de seis arquétipos: Hera (ou Juno), Deméter (ou Ceres), Afrodite (ou Vênus), Perséfone (ou Prosérpina), Ártemis (ou Diana), Atena (ou Minerva) e Héstia (ou Vesta). Através das características de cada uma delas, a mulher pode identificar seu próprio modo de agir, as dificuldades que atrapalham seus relacionamentos, bem como sua evolução pelas diversas idades, do nascimento à velhice".

Profª MS Elvira Coelho Hoffmann, mestre em Ciência da Comunicação, diretora de Graduação da Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa – Proenpe.



"Estou lendo **O Rio de Janeiro como é (1824-1826). Uma vez e nunca mais. Contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil**, de C. Schlichthorst. Tradução de Emmy Dodt e Gustavo Barroso, apresentada, anotada e comentada por este. Brasília: Senado Federal, 2000. 326 páginas.

O livro, originalmente publicado em Hannover, no ano de 1829, levou, então, o título de **O Rio de Janeiro como é. Contribuição para a história do cotidiano e dos costumes da capital do Brasil**. Mercenário a serviço do exército imperial no Primeiro Reinado, Schlichthorst dá conta de seu engajamento para o exército imperial pelo Major von Schäffer, descreve-nos a corte de São Cristóvão com cores vivas, expõe o cotidiano da cidade, pinta um quadro da moralidade brasileira, centrando-se na mulher, e dá grande espaço a negros, indígenas e mestiços que formam a maioria esmagadora da população carioca. O 6º capítulo traz riquíssimo panorama da literatura brasileira. Há, ainda, descrições da natureza e retrospecto da história brasileira. Fascina seu poder de síntese. O livro conclui com extensa lista dos oficiais estrangeiros no exército brasileiro. Quem lê a obra, consegue caminhar com Schlichthorst pelo Rio de Janeiro dos primórdios do século XIX, conversar com o Imperador, entrar em casas, acompanhar a população e participar da vida cultural".

Prof. Dr. Martin Dreher, doutor em Teologia e professor do PPG em História do Centro de Ciências Humanas, da Unisinos.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail nas segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade.

Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. **Coordenadora adjunta:** Profª Ms. Vera Regina Schmitz. **Redação:** Inácio Neutzling, Sonia Montaño e Graziela Wolfart. **Revisão:** Mardilê Friedrich Fabre. **Fone:** 5903333 ramal 1173 ou 1195. **E-mail:** lhuinfo@poa.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS